



**Silabários e exercícios de leitura na Itália da pós-unificação até o final do século XIX:
produção, circulação e métodos**

Syllabaries and reading exercises in Italy from post-unification to the end of the 19th century:
production, circulation and methods

Silabarios y ejercicios de lectura en la Italia de la posunificación hasta finales del siglo XIX:
producción, circulación y métodos

Sillabari e compimenti di sillabari nell'Italia post-unitaria fino alla fine del XIX secolo:
produzione, circolazione e metodi

Alberto Barausse
Università degli Studi del Molise (Itália)
<https://orcid.org/0000-0002-8326-046X>
<http://lattes.cnpq.br/5545877149387438>
barausse@unimol.it

Resumo

Este artigo pretende analisar a produção e a circulação de silabários e exercícios de primeiras leituras, chamadas no contexto escolar e editorial italiano silabarios e compimenti dos silabários, no período entre a unificação e o final do século XIX. Além de apontar os autores, o artigo pretende destacar as características dos silabários e das primeiras leituras do ponto de vista linguístico e educacional, à luz dos programas de estudo previstos para as escolas primárias. No específico, serão lembrados os conteúdos introduzidos pelos autores dos programas de estudo com o objetivo de apoiar o desenvolvimento da dimensão civil e ética e a promoção da identidade nacional nas escolas primárias italianas. A pesquisa faz uso de fontes inéditas ou apenas parcialmente utilizadas para recensear as listas de programas de estudo e compêndios publicados nos primeiros quarenta anos do Estado italiano. A análise dos vários bancos de dados, listas e catálogos eletrônicos e em papel existentes hoje foi complementada pelas fontes de arquivo mantidas no Arquivo Central do Estado, produzidas pelos funcionários – os inspetores escolares – e pelos órgãos da administração escolar que foram chamados a avaliar a adequação dos livros didáticos para as escolas primárias durante o período em análise.

Palavras-chave: Alfabetização; Itália; Métodos de aprendizagem de leitura e escrita; Produção e circulação; Século XIX; Silabários.

Abstract

This paper intends to analyze the production and circulation of primers and readings booklets in the Italian school and publishing context in the period between unification and the end of the 19th century. In addition to pointing out the authors, the article intends to highlight the characteristics of primers and readings booklets from a linguistic and educational point of view in the light of the programs envisaged for primary schools. In particular, those contents introduced by the authors of primers and readings booklets with the aim of supporting the development of the civil and ethical dimension and the promotion of national identity in Italian primary schools will be recalled. The research makes use of unpublished or only partially used sources to census the lists of primers and readings booklets and compendiums published in the first forty years of the Italian State. The analysis of the various databases, lists and paper and electronic catalogues that exist today has been supplemented by the archival sources held in the Central State Archive, produced by the officials – the school inspectors – and by the bodies of the school administration that were called upon to assess the suitability of textbooks for elementary schools during the period under examination.

Keywords: Literacy; Primers and reading books; Italy; Methods of learning to read and write; Production and circulation; 20th century.

Resumen

Este artículo pretende analizar la producción y circulación de los silabarios y primeras lecturas en el contexto escolar y editorial italiano en el periodo comprendido entre la unificación y finales del siglo XIX. Además de señalar a los autores, el artículo pretende destacar las características de los silabarios y las primeras lecturas desde un punto de vista lingüístico y pedagógico a la luz de los programas previstos para la escuela primaria. En particular, se recordarán los contenidos introducidos por los autores de los silabarios con el fin de apoyar el desarrollo de la dimensión cívica y ética y la promoción de la identidad nacional en las escuelas primarias italianas. La investigación recurre a fuentes inéditas o utilizadas sólo parcialmente para censar las listas de silabarios y compendios publicados en los primeros cuarenta años del Estado italiano. El análisis de las distintas bases de datos, listados y catálogos en papel y electrónicos existentes en la actualidad se ha completado con las fuentes archivísticas conservadas en el Archivo Central del Estado, elaboradas por los funcionarios – los inspectores escolares – y por los órganos de la administración escolar que debían evaluar la idoneidad de los libros de texto para las escuelas primarias durante el periodo examinado.

Palavras claves: Alfabetización; Italia; Métodos de aprendizaje de la lectura y la escritura; Produccion e circulation; Siglo XIX; Silabarios.

Riassunto

Il presente articolo intende analizzare la produzione e la circolazione di sillabari e di prime letture nell'ambito del contesto scolastico ed editoriale italiano nel periodo compreso tra l'unità e la fine dell'Ottocento. L'articolo oltre a indicare gli autori intende mettere in evidenza le caratteristiche dei sillabari e dei compimenti o delle prime letture dal punto di vista linguistico e da quello educativo alla luce dei programmi previsti per le scuole elementari. In particolare saranno richiamati quei contenuti introdotti dagli autori dei sillabari con l'obiettivo di sostenere lo sviluppo della dimensione civile ed etica e della promozione dell'identità nazionale nelle scuole elementari italiane. La ricerca si avvale di fonti inedite o solo parzialmente utilizzate per censire gli elenchi di sillabari e compimenti pubblicati nei primi sessant'anni di vita dello Stato italiano. L'analisi delle diverse banche dati, degli elenchi e dei cataloghi cartacei ed elettronici oggi esistenti, è stata integrata dalle fonti archivistiche custodite presso l'Archivio centrale dello Stato, prodotte dai funzionari – gli ispettori scolastici – e dagli organi dell'amministrazione scolastica che, nel periodo preso in esame, furono chiamati a valutare l'adeguatezza dei libri di testo per le scuole elementari.

Parole chiave: Alfabetizzazione; Italia; Metodi di apprendimento lettura e scrittura; Produzione e circolazione; Sillabari; XIX secolo.

Recebido: 14/02/2025

Aprovado: 28/04/2025

Introdução metodológica

Os livros didáticos constituem uma fonte extremamente valiosa para reconstruir os complexos processos formativos e culturais que caracterizaram a península italiana ao longo dos séculos XIX e XX (Ascenzi, 2013). A literatura didática escolar, embora tenha sido objeto de estudos há algumas décadas, em certas realidades nacionais, como a italiana, ainda representa um campo fascinante para investigação e análise¹. Este artigo apresenta os primeiros resultados de uma pesquisa em andamento, que tem como objeto específico a produção e a circulação de um dos setores menos analisados na produção de livros escolares italianos: os silabários e seus complementos.

As fontes examinadas provêm de diferentes origens. Em primeiro lugar, foram considerados os elencos de silabários e complementos coletados pelos conselhos escolares provinciais e inspetores escolares durante as investigações promovidas pelo Ministério da Instrução Pública em 1869 e no período de 1875 a 1881. Estes elencos, enviados pelos prefeitos e pelos supervisores ao Conselho Superior da Instrução Pública para avaliação de sua adequação e uso nas salas de aula, estão hoje preservados no Arquivo Central do Estado. Posteriormente, foram incluídos os registros submetidos à Comissão presidida por Barrili entre 1881 e 1883, e os silabários e complementos publicados no boletim do Ministério da Instrução Pública após os trabalhos conduzidos pela Comissão liderada por Giuseppe Chiarini e Pietro Cavazza entre 1894 e 1898. As fontes arquivísticas foram complementadas pela análise de diversas bases de dados de caráter especificamente histórico-educacional² e por repertórios e catálogos tanto impressos quanto digitalizados.

Em muitos casos, os volumes destinados ao uso diário e utilizados pelos alunos por um longo período não foram preservados ou são acessíveis apenas em algumas bibliotecas ou centros especializados. Além disso, nem sempre é possível recuperar as diferentes edições produzidas ao longo das décadas, e as informações relativas aos autores dos livros didáticos nem sempre são fáceis

1. A produção e a circulação dos silabários nos anos da Destra Histórica (1861-1876)

O fio condutor é representado pela política educacional do novo Estado italiano. Conforme documentado em outros estudos, o aprendizado da leitura e da escrita constituía para o novo estado nacional italiano um dos pilares culturais mais importantes para a formação básica dos futuros cidadãos. Os programas instituídos pelos primeiros-ministros da Instrução Pública, entre 1860 e 1867, previam para as seções inferiores da primeira classe exercícios graduados de silabação, explicação dos vocábulos lidos, formação de sílabas, letras e palavras por imitação, e escrita de palavras ditadas em sílabas simples. Para as classes das seções superiores, eram previstos "exercícios graduados de silabação e leitura fluente no livro didático; explicação dos vocábulos e das proposições nele contidos; escrita por imitação; exercícios progressivos sob ditado; regras práticas de ortografia". As indicações mais significativas, contudo, eram aquelas presentes nas observações, onde o ministro explicava como o ensino elementar "deve ter como objetivo a educação e ser útil, com o tempo, nas diversas necessidades

¹ Não é possível, aqui, fazer um panorama exaustivo dos muitos estudos surgidos nos últimos anos que permitiram um conhecimento mais aprofundado das disposições legislativas e regulamentares, da produção editorial especificamente destinada às escolas, da manuais disciplinares utilizados nas escolas primárias e secundárias, catálogos e séries editoriais, ferramentas, como repertórios ou bases de dados de manuais e manuais escolares. Para uma primeira revisão, ver: GALFRÈ (2001); MARAZZI (2012).

² reseducationis.it; manes.

da vida". Por essa razão, mesmo das noções mais simples, o professor deveria tirar proveito para "declarar e reforçar algum bom preceito moral, alguma informação útil sobre higiene, alguma regra apropriada à convivência civil, inspirando assim aos seus alunos o sentimento do dever, o amor à pátria, a urbanidade dos modos, sem o aparato de uma aula severa e estudada, mas como uma aplicação natural e óbvia do que ele próprio expunha"³.

Nos programas instituídos seis anos depois, o ministro Coppino, após lembrar que "à instrução deve sempre estar unida a educação", considerava útil lembrar que no ensino deveriam ser dadas "informações úteis, tanto do mundo físico quanto do moral, que, instruindo a mente do aluno, educam seu intelecto e, das maravilhas da natureza, elevam sua alma ao conhecimento do Criador, infundindo nos corações dos jovens o amor por todas as virtudes". Coppino focava-se nos aspectos de pronúncia correta e ortografia, influenciados pelo uso extensivo do dialeto, e, após precisar que não era tarefa das escolas elementares "formar calígrafos", reafirmava a importância crucial da aprendizagem linguística. Para tal, confirmava, para a primeira classe, os exercícios de silabação, leitura e pronúncia correta, juntamente com exercícios de escrita por imitação e sob ditado, ortográficos e mnemônicos, e aqueles relativos à nomenclatura⁴.

Para garantir uma ação mais eficaz, a escola italiana buscou a uniformidade no plano didático, e, nessa direção, foi atribuído um papel fundamental aos livros didáticos. Desde os primeiros anos após o nascimento do Estado nacional, os ministros da Instrução Pública se empenharam para que manuais e textos adequados se disseminassem nas escolas italianas. Para esse fim, foram instituídos e atribuídos a diferentes órgãos o controle e a revisão dos livros didáticos. O Ministério da Instrução Pública italiano, de fato, quis assegurar desde os primeiros meses após a unificação um controle rigoroso sobre a produção e circulação dos livros a serem introduzidos nas escolas, ainda muito insuficientes para garantir a redução dos altos índices de analfabetismo. Periodicamente, os textos foram submetidos à revisão de órgãos instituídos em nível provincial ou de órgãos centrais. Entre 1861 e 1897, os livros escolares passaram inicialmente pela análise de um órgão central, o Conselho Superior de Instrução Pública. Após a reforma da administração escolar, o ministro Michele Coppino decidiu delegar aos órgãos administrativos descentralizados, os conselhos escolares provinciais, a tarefa de elaborar as listas dos livros escolares autorizados para uso nas salas de aula. Assim, criou-se um sistema de dupla avaliação, pois o Conselho Superior de Instrução Pública não perdeu suas prerrogativas. Foi justamente entre o final dos anos 1860 e início dos anos 1870 que o Conselho Superior coletou as listas preparadas pelos conselhos escolares provinciais (Barausse, 2008). Posteriormente, em 1875, a questão dos livros didáticos voltou ao centro da atenção política e escolar, quando o ministro Ruggero Bonghi atribuiu ao Conselho Superior de Instrução Pública a tarefa de examinar os 446 textos que estavam em uso na península. Dentre eles, havia também 49 silabários e complementos que foram analisados pela comissão com o suporte de especialistas externos⁵. Dentro dessa evolução, insere-se também a análise da produção de silabários, objeto de novas investigações em 1883 e, finalmente, no triênio entre 1894 e 1897.

³ R.D. 15 settembre 1860 "Programmi delle scuole elementari annesse al Regolamento 15 settembre 1860 e C.M. 26 novembre 1860-Istruzione ai maestri delle Scuole primarie sul modo di svolgere i Programmi approvati col Regio Decreto 15 settembre 1860. In **Codice dell'istruzione secondaria classica e tecnica e della primaria e normale**. Torino: 1861, p. 373, p. 401 e p. 415.

⁴ Istruzioni e programmi per l'insegnamento della lingua italiana e dell'aritmetica nelle scuole elementari approvati con R.D. 10 ottobre 1867, n. 1942. In **Nuovo Codice della istruzione pubblica**, [de agora em diante *Codice*] Saluzzo: Tipografia Fratelli Lobetti Bodoni, 1870, pp. 702-711.

⁵ Os peritos nomeados foram Pietro Dazzi e Filippina Gaio que conduziu a análise dos textos em 1875, Archivio Centrale dello Stato [de agora em diante ACS], Ministero Pubblica Istruzione [de agora em diante MPI], Fondo de agora em frente F.] **CSPI**, I Serie 1849-1903, Atti posteriormente versati, b. 5, f. 6.

1.1 A realidade tipográfico-editorial e a produção de silabários e complementos

Nos primeiros quinze anos do Estado unificado, os veículos de difusão dos livros didáticos, e, dentro da literatura escolar, dos silabários, foram variados. Um papel significativo, que mereceria uma análise mais aprofundada, foi desempenhado pelos congressos pedagógicos organizados anualmente pela Associação Pedagógica Italiana, presidida por Giuseppe Sacchi (Bucci, 1989), juntamente com as conferências de professores e pedagógicas. Os prêmios concedidos às melhores obras didáticas destacavam justamente os livros didáticos entre os principais focos de atenção. Ao lado, no entanto, dos encontros anuais dos estudiosos de pedagogia e didática, estavam também as revistas produzidas para professores, que publicavam e avaliavam os produtos destinados às escolas pelos editores proprietários dessas publicações⁶. Os processos formativos e culturais são, de fato, extremamente influenciados pelo desenvolvimento da indústria e da tipografia editorial. As pesquisas das últimas décadas, conduzidas por estudiosos italianos que mais se dedicaram a esse novo campo de estudo, trouxeram à luz a complexa articulação do mundo editorial escolar, projetado, após a unificação nacional, para expandir a capacidade de produção e distribuição de livros didáticos. A literatura escolar e educacional, por sua vez, representa uma dimensão modernizadora do desenvolvimento da didática nos processos de escolarização⁷.

Relativamente à produção de silabários e complementos, é possível identificar uma evolução significativa. No período entre 1861 e 1875, pode-se registrar a presença de cento e cinquenta e dois silabários. Analisando mais detalhadamente o período da Destra Histórica, nota-se que durante o primeiro decênio circularam cinquenta e seis silabários. Em cinco casos, houve reedições de textos publicados durante o primeiro quinquênio. No entanto, é no quinquênio seguinte que a produção se enriquece significativamente, registrando noventa e cinco novos exemplares de silabários e complementos. Esse primeiro aumento é acompanhado e favorecido pelo desenvolvimento inicial de uma presença mais diversificada no setor editorial e tipográfico. Entre os novos silabários que surgiram entre 1871 e 1875, trinta e três foram produzidos por empresas tipográficas e editoriais de Turim. Em particular, ao lado das editoras mais consolidadas, como G.B. Paravia, que distribuía vinte e seis títulos, e Vaccarino, que publicava quatro, figuravam empresas menores, mas igualmente produtivas, como Binelli & C., Petrini, Pietro Cerruti, Civelli, Carlo Favale, Carlo Pozzi e Giuseppe Tarizzo. O único editor piemontês não turinense presente era a Tipografia Devecchi e Vinassa de Asti, o que demonstrava o quase absoluto monopólio exercido pelo centro de Turim em relação à área regional, diferentemente do que acontecia em outros contextos regionais, exceto na Ligúria, onde a produção de silabários era limitada a dois títulos produzidos pela Tipografia dos Surdos-Mudos e um pela Tipografia da Juventude, ambos em Gênova.

A produção de silabários e complementos na área lombarda, em um contexto ainda caracterizado por certa fragilidade, além de ser representada por um título do tipógrafo Lamperti, que se somava aos já realizados nos primeiros anos pós-unificação pela Tipografia Escolar Pagnoni, pela Tipografia Redaelli e pelo tipógrafo Golio, conseguiu expressar algum interesse pelo mercado tipográfico-editorial escolar entre 1871 e 1875, com a produção de mais cinco títulos dos editores F. Volontè de Saronno, da tipografia Brughera e Ardizzi de Sondrio, da Tipografia Mondovì de Mântua, da Tipografia Cairo de Codogno e da Tipografia dos irmãos Bertola. Os quatro títulos restantes eram da mais conhecida e já consolidada Tipografia Paravia.

⁶ Existe uma bibliografia bastante extensa sobre o tema dos periódicos escolares. Consulte o recente número monográfico da revista: *History Of Education & Children's Literature* organizado por BARAUSSE, PANIZZOLO, SANI; WARDE (2021).

⁷ No que diz respeito ao desenvolvimento do mundo da publicação escolar-educativa, consulte os dois repertórios CHIOSSO (2003) e (2008).

Houve pouco interesse por parte da realidade tipográfico-editorial do Triveneto na produção de silabários nessa fase, que, no total de cinco anos, lançou seis títulos, produzidos por quatro diferentes tipógrafos: as tipografias venezianas G. Favai e Tondelli, a tipografia F. Apollonio de Verona, a Tipografia Real Burato de Vicenza e o editor Gaetano Longo de Treviso. Ainda mais fraca foi a oferta de literatura escolar para o ensino de leitura e escrita na área da Emília-Romanha, onde apenas dois títulos foram produzidos: um pelo estabelecimento tipográfico Monti de Bolonha e outro pela tipografia dos irmãos Bertola de Piacenza.

A edição de silabários e complementos na Itália central foi assegurada pelo polo florentino na região da Toscana, que publicou cinco títulos de Felice Paggi, quatro de Casale, dois da Società Editrice e um título de cada uma das editoras Cooperativa Editrice e Claudiana. A essas produções somaram-se quatro títulos de um tipógrafo de Pisa e do tipógrafo senense T.A. Moschini, bem como de Massimo Ristori, de San Miniato, e de B. Canovetti, de Lucca, que atendeu ao pedido de um professor municipal de Viareggio. Na região das Marcas, podemos registrar a presença de pequenos tipógrafos locais, como G. Cherubini de Ancona, Bacher Gentile de Fermo e Floro Flori de Iesi, que, juntos, produziram seis novos títulos. A realidade tipográfico-editorial da capital, no entanto, mostrava ainda sinais de dificuldade para se inserir no mercado de literatura escolar voltada à leitura e à escrita, com a publicação de apenas um título pelos irmãos Pallotta e outros cinco pela sucursal romana da Paravia.

O apoio ao desenvolvimento da produção de silabários registrado entre 1871 e 1875 na Itália meridional foi relativamente limitado. Nesse contexto, as investigações identificaram a produção de vinte novos títulos, dos quais sete foram particularmente produzidos por casas tipográficas de Palermo, três por tipografias e editoras napolitanas, dois por editoras de Avellino, um título por uma tipografia de Salerno e quatro pela tipografia de Cagliari.

Durante os primeiros quarenta anos pós-unificação, é possível observar uma evolução interessante nos autores que se dedicaram aos silabários, em relação ao desenvolvimento dos métodos. Para uma compreensão mais detalhada da circulação dos silabários nos primeiros quinze anos pós-unificação, podem-se utilizar duas fontes significativas, embora não exaustivas. As relações transmitidas pelos conselhos escolares provinciais em 1869 ao Conselho Superior de Instrução Pública e aquelas enviadas pelos inspetores entre 1874 e 1875 permitem, pelo menos, captar a representação que os órgãos centrais tinham dos textos difundidos nas escolas.

Os abecedários mais inovadores, do ponto de vista metodológico, buscavam promover a aquisição simultânea das competências de leitura e escrita. A estrutura dos abecedários produzidos nas décadas seguintes à unificação do Estado lembrava, em muitos aspectos, os publicados no final do século XVIII (De Roberto, 2011), quando, impulsionada pela aplicação das reformas escolares nos vários Estados pré-unificação, foi registrada a difusão de um novo tipo de silabário, como uma evolução dos abecedários de Santacroce. Na Lombardia, sob domínio austríaco, o livro de Francesco Soave (Pancera, 2000; Morgana, 1995), baseado no método fonético-silábico e acompanhado de sentenças e apólogos morais de origem clássica, teve ampla difusão. O texto foi introduzido em muitas escolas na primeira metade do século XIX, não apenas na Lombardia, mas também no Estado Pontifício, conforme revelou um estudo recente (Dainoto, 2007; Viola, 1998). No entanto, ao longo do século XIX, em muitas regiões da península italiana, a leitura e a escrita foram ensinadas por meio de adaptações do método fonético de palavras normais ou analítico-sintético de J. Jacotot, que foi desenvolvido com base em trechos de caráter religioso. Jacotot associou o ensino de diferentes matérias ao livro *Télémaque* de Fénelon, que também servia como silabário e primeiro livro de leitura para os alunos. No entanto, a falta de gradação e a complexidade dos conteúdos do volume não facilitaram a ampla difusão do método. A ideia foi aplicada de maneira mais prática por outros mestres, que introduziram métodos através de historietas, proposições ou palavras. Geralmente, os silabários apresentavam uma série de proposições, muitas vezes expressas por meio de orações ou conteúdos religiosos (como a oração do domingo, o Pai

Nosso) para exercitar as crianças. Um aperfeiçoamento do método fonético foi introduzido por pioneiros como Lambruschini, que trouxe o método das palavras normais, e outros como Muzzi, Farini, o cônego Figlinesi de Empoli, Francesco Gazzetti, Vincenzo De Castro, entre outros, que adaptaram seus ensinamentos para a leitura e escrita simultâneas⁸. Os silabários eram estruturados, fundamentalmente, em duas partes. Na primeira, geralmente, começavam com a apresentação das vogais e das semiconsoantes, seguida da ilustração dos ditongos e hiatos. Em um segundo momento, as consoantes eram introduzidas, assim como as sílabas diretas e inversas. O modo de apresentar as consoantes variava bastante. Quase sempre, já nas primeiras páginas, havia uma lista de palavras ilustrativas. Na segunda parte, era desenvolvida uma seção contendo pequenos textos narrativos, frases simples, poesias para exercitar o aluno e estimular o desenvolvimento lexical, pequenas histórias e máximas morais. Inicialmente incluída no mesmo livreto, essa seção logo se diferenciou como um produto associado, mas distinto do primeiro, com o objetivo não apenas de favorecer a aquisição de competências de leitura, mas também de inculcar valores, normas e modelos educacionais de disciplina civil e social (Del Negro, 1983).

O novo método foi se afirmando progressivamente. Até a década de 1870, continuou predominante a circulação de silabários e complementos de autores ligados à corrente cultural católica liberal. Entre os autores mais difundidos estavam Giuseppe Borgogno (2013), o já mencionado Raffaele Lambruschini, Giovanni Castrogiovanni (2013), Domenico Carbonati, Cipriano Mottura (2013), Giovanni Parato (2013), Giovanni Scavia (2013; Morandini, 2003a), Pietro Thouar (orandini, 2003a e 2003b), Vincenzo Troya (2013), Giuseppe Vago e Luigi Stocchi (2013). Essas figuras, muitas vezes, eram também funcionários da Instrução Pública. Em particular, alguns dos autores de silabários exerciam cargos de delegados extraordinários e, em alguns casos, também de supervisores educacionais ou inspetores regionais e diretores de escolas, como Domenico Carbonati e Luigi Stocchi (2013), que antes de assumir, em 1864, a função de inspetor, dirigiu a escola normal de San Severo, na província de Foggia⁹. Por meio de suas funções, desempenhavam um papel significativo na disseminação dos textos, embora também gerassem polêmicas relacionadas a possíveis conflitos de interesse. Outros, como Vago (2013), Giuseppe Borgogno (2013) e Giovanni Parato, eram professores que souberam explorar tanto o papel de autores de livros didáticos quanto o de jornalistas ou diretores de periódicos, como *L'Osservatore scolastico*, publicado para ajudar professores a usar melhor os vários livros didáticos escritos pelo professor piemontês em colaboração com Giovanni Scarpa; *La guida del maestro elementare italiano*, com a atividade editorial dos irmãos Parato e de Mottura; ou *L'Amico delle scuole popolari*, fundado em Nápoles por Mauro Valente e Giuseppe Vago, com a ideia de apoiar o desenvolvimento cultural dos professores (CHIOSSO, 1993, p. 13-15). Uma expressão da nova tendência no ensino básico, que visava associar a escrita à leitura, foi o silabário elaborado por Vincenzo Garelli. Segundo ele, os professores confundiam a formação de calígrafos, a arte da bela escrita, com a destinada à escrita e à leitura: “A bela escrita será pensada mais tarde; por ora, pensa-se em escrever de forma simples e clara” (Garelli, 1869). O processo de aquisição da escrita sob ditado favoreceria a aceleração do aprendizado das habilidades. Silabários como os propostos por Garelli incluíam algumas atenções metodológicas junto com conselhos práticos: o uso do quadro-negro, o estímulo aos sentidos da visão e da audição, a brevidade dos exercícios e a alternância entre leitura e escrita, a maneira correta de segurar a caneta e a divisão do plano de trabalho em lições. Havia também exercícios mnemônicos com proposições escritas no quadro-negro.

⁸ Veja os verbetes sobre os diferentes métodos e práticas de ensino da leitura e da escrita *ABECEDAIRE, ECRITURE, ECRITURE-LECTURE*, (1882, p.2-3); *Lecture* (1882); *METODI PER INSEGNARE A LEGGERE* (1910); *RACCUGLIA* (1893). Ver também LOMBARDO RADICE (1951, p. 270-271); DE VIVO (1965); LUCCHI (1978) e (19XX); GENOVESI (1987); ZOI (1990); ROGGERO (2000); D'ASCENZO (2003); MORANDINI (2011) e (2022).

⁹ ACS, MPI, Personale 1860-1880, b. 2033 **Stocchi Luigi**.

1.2 A circulação dos silabários nas escolas segundo os conselhos escolares e os inspetores

A efetiva difusão dos silabários deste grupo de autores, contudo, não foi homogênea. Para uma verificação mais detalhada, é útil analisar o levantamento realizado pelos conselhos escolares provinciais em 1869, cuja documentação, preservada no Arquivo Central do Estado, foi objeto de uma publicação recente (Barausse, 2018). As relações enviadas ao ministro pelos prefeitos, responsáveis pelos órgãos escolares locais, revelam um quadro diferenciado da circulação dos silabários, assim como a consciência apenas parcial da produção editada ao longo da década. O volume total de silabários e complementos examinados pelos conselhos escolares provinciais foi de 25 autores, em contraste com os 48 que, segundo pesquisas realizadas, haviam produzido silabários e complementos naquele período. Nas províncias do norte do país, os autores mais recorrentes nas relações enviadas ao ministério foram Giovanni Scavia (1861;1876) e Vincenzo Troya (1869), cujos silabários e complementos estavam presentes em escolas das províncias de Gênova, Porto Maurizio, Alessandria, Cuneo, Turim, e nas províncias lombardas de Mântua, Como e Pavia, nas províncias vênetas de Pádua, Belluno, Ferrara, Veneza e Údine, e na província emiliana de Módena. Esses autores tinham como concorrentes significativos apenas Giovanni Castrogiovanni, editado pela tipografia turinense Favale (Castrogiovanni, 1869), e Vincenzo Garelli, cujo trabalho era produzido pela tipografia dos Surdos-Mudos (Garelli, 1869).

A presença de outros silabários nas escolas era mais esporádica, como o de Giovanni Lanza, editado pela Paravia e utilizado em escolas de Alessandria. Os silabários, junto com as leituras, formavam a categoria de literatura didática que desde o primeiro decênio pós-unificação tinha alguma produção em nível local. As indicações dos conselhos escolares provinciais do norte mencionavam autores cujas obras, infelizmente, não foram recuperadas, como o mestre rural Giuseppe Sander, que publicou um silabário amplamente utilizado em escolas locais (Sander, 1885). por meio de uma tipografia de Cesena, ou os silabários de Ernesto Pizzigati, impressos por uma pequena tipografia turinense, Di Giuseppe, e os de G.B. Rossini e Mosè Gallottini, usados nas escolas de Brescia e editados pela tipografia local Apollonio (Rossini, 1868). Outros exemplos incluíam um autor anônimo cujo silabário era difundido em escolas de Como e editado pela tipografia Martinelli (s/a).

Autores menos difundidos como Luigi Bordis, publicado pelo tipógrafo turinense Speironi e premiado no VI Congresso Pedagógico de (1869, p.4), também figuram entre os mencionados, ao lado de Girolamo Giardini, Francesco Gazzetti e P. Lavezzari, este último impresso pela ditta milanese Wilmont (Wilmont, 1867). Também eram utilizados silabários produzidos no período pré-unificação, como o de Lorenzo Molossi (1844) na região de Parma.

Os nomes de Scavia e Troya apareciam com mais frequência entre os vinte autores de silabários adotados nas províncias do centro da Itália, mencionados pelos conselhos escolares provinciais; a eles se somavam Giovanni Parato e Vincenzo Garelli, cujos silabários eram usados nas escolas das províncias de Arezzo, Siena, Perugia, Ancona, Chieti, Áquila e Téramo. No centro do país, circulavam também silabários de menor relevância, como os de Giuseppe Bettini, Vincenzo Bianchi, Roberto Panzini e Luigi Bordis em Ancona, Giovanni De Mattei em Áquila e Eugenio Valentini em Ascoli Piceno (Barausse, 2018, p. 203-207).

Após os de Scavia e Troya, os silabários mais difundidos no sul da Itália eram os de Garelli, Carbonati e Castrogiovanni, especialmente nas províncias de Nápoles, Salerno, Bari, Foggia, Potenza, Reggio Calábria e Sassari. Em Bari, os silabários mais usados incluíam os de Scavia, Garelli, Castrogiovanni, Parato e Pozzi, embora o de Garelli fosse considerado o único a se diferenciar significativamente do de Scavia, mas de difícil uso devido à insuficiente preparação didática dos professores. O sucesso desses textos era atribuído pelo conselho escolar de Bari à sua estruturação simples e graduada, com a preferência pelo método silábico em vez do método soletrador (Barausse, 2018).

Em algumas províncias do sul, como Bari, os calendários escolares mencionavam também os silabários de Lambruschini, Thouar e Troya, que, embora apreciados pela comissão de livros didáticos, não eram adotados nas escolas para promover sua difusão, foi decidido incluí-los nas listas de livros aprovados. Em Nápoles, o *Sillabario per le scuole rurali* de Giovanni Lanza, publicado pela Paravia, foi bem recebido. Silabários produzidos localmente, como o de Vitaliano Asturi de Catanzaro, ou aqueles que haviam circulado no período pré-unificação, como o de Lelio Maria Fanelli, utilizado em Cosenza, e outros, tiveram menos circulação. o silabário Matteucci utilizado nas escolas de Nápoles e Salerno, o abecedário Guacci utilizado nas escolas femininas de Nápoles, o silabário Musso utilizado em Salerno e o criado por Luigi Stocchi e utilizado nas escolas primárias da província de Reggio Calabria (Barausse, 2013).

De modo geral, entre os silabários mais frequentemente mencionados pelos conselhos escolares e que merecem destaque, estava o *Sillabario e prime lettere per le scuole rurali*, editado em Turim pelos irmãos Bocca, impresso pela tipografia de G.B. Paravia e que, em 1869, já havia alcançado a nona edição; e o *Sillabario e prime lettere per le scuole femminili delle campagne*, também na nona edição, publicado pela Paravia (1869).

Desde o final da década de 1860, começaram a surgir sinais de insatisfação com os silabários em uso nas escolas. As comissões não hesitaram em expressar reservas sobre os textos adotados. Alguns conselhos escolares do norte, como os de Verona e Veneza, decidiram substituir os livros de Scavia por aqueles de Parato e Troya (Barausse, 2018, pp. 442-444). A comissão do conselho escolar provincial de Bari, por sua vez, criticou os silabários de Troya e De Stefano, amplamente difundidos na Campânia e na Ligúria: embora os admitissem, pediam "maior simplicidade" e "conhecimentos mais apropriados e adaptados às diferentes idades dos alunos". O silabário de De Castro não foi aprovado, mas o texto de Andrea Gabrieli recebeu elogios significativos. Bruto Fabbricatore, membro da comissão que examinou a produção de silabários em Nápoles, rejeitou o texto de Giovanni Scavia, afirmando que "não possui nenhum mérito particular que o distinga" (Barausse, 2018, p. 315-326), conforme sentenciou um dos principais representantes do purismo meridional¹⁰. Na metade dos anos 1870, começaram a surgir sinais de mudanças mais significativas. Um indicador importante desse processo de transformação foi a análise dos 49 silabários revisados pela comissão instituída por Bonghi. Dos silabários considerados ainda válidos, apenas 17 foram aprovados pela comissão, e, desses, apenas nove foram considerados de fato os melhores¹¹. Entre os autores aprovados estavam o professor Carlo Azzi, docente do ginásio de Ferrara e autor de um manual de "exercícios preparatórios para a leitura" para a escola primária, publicado em Ferrara em 1860 pela Regia Tipografia Bresciani; o mestre Massimiliano Barbieri, cujo silabário inovava ao incluir muitas figuras para facilitar a associação entre palavras e imagens; e o sacerdote e professor de Alexandria, Giovanni Lanza (2013). Entre esses autores, não constavam mais os textos que haviam circulado amplamente nas escolas italianas na década anterior — e que, como veremos, continuariam presentes por vários anos ainda. Os silabários e complementos de autores como Agapito Agabiti, Giuseppe Borgogno, Vincenzo Troya e Giovanni Scavia foram julgados como "mediócras"; os textos de figuras como Giovanni Castrogiovanni, Giovanni Parato, Vincenzo Garelli, Giovanni De Mattei, Luigi Stocchi, entre outros, foram considerados inadequados para adoção.

¹⁰ O *Puotismo* indica o movimento que teve origem pelo gramático italiano Basilio Puoti (1782-1847), membro de *Accademia della Crusca* e inspetor do Reino das duas Sicílias.

¹¹ Os dezessete silabários e complementos aprovados pela comissão foram os seguintes: Azzi (1874); BARBIERI (1872); BINI (1867); BRUNI (1879); LANZA (1874); *Sillabario* (1880); Siri (1871); PARATO (1876); Pozzi (1874); *Sillabario* (1875); SCAVIA (1861); *Piccolo Sillabario* (1876); *Prime lettere* (1883) TROYA (sem ano e em editora); TROYA (1869); TROYA (1873); TROYA (1872).

Apesar das avaliações dos especialistas convidados a analisar a qualidade dos silabários, os textos considerados ultrapassados continuaram, na realidade, a ter uma circulação significativa nas escolas. As relações dos inspetores de 63 distritos, enviadas ao Ministério da Instrução Pública em resposta à circular de Bonghi que solicitava maior atenção aos livros didáticos (BARAUSSE, 2008; 2018)¹², fornecem muitas indicações sobre isso. Os textos de Scavia e Troya continuaram, embora em menor medida, a ser os mais difundidos nas escolas italianas. No norte da Itália, o *Sillabario* de Scavia, editado pela Paravia de Turim, foi mencionado em 17% das relações dos inspetores. O *Nuovo sillabario graduato* de Troya, editado pela Tipografia Sordomuti de Gênova¹³, foi mencionado em quase 13% das vezes; em seguida, o silabário de Carlo Pozzi apareceu em 9,8% das relações analisadas (BARAUSSE, 2018, p. 451). Na região norte, o *Sillabario graduato* e o complemento de Troya tinham uma grande difusão em todo o Piemonte, segundo o inspetor de Cuneo, junto com um silabário elaborado por um irmão das escolas cristãs, baseado no de Troya. O primeiro, conforme relatado pelo inspetor, era adotado em quase todas as escolas, especialmente nas rurais, devido à sua simplicidade. Em algumas regiões, como Cuneo, os silabários de Cipriano ou Carlo Mottura e Giovanni Parato (Barausse, 2018, p. 597-605) também eram muito apreciados.

Nas escolas do distrito de Gênova, o silabário mais valorizado era o de Antonio Bruni, elogiado pelo inspetor por sua abordagem graduada e por evitar "monótonas sequências de sílabas e palavras sem significado, substituindo-as por sentenças e pensamentos adequados" (Barausse, 2018, p. 606-611). Silabários produzidos no Sul raramente conseguiam espaço nas escolas do norte. Ainda assim, o inspetor de Gênova mencionou que, além dos silabários baseados no método silábico, estava sendo introduzido um silabário de Vincenzo De Castro, encontrado nas escolas do sul e que, complementado por cartazes rurais, parecia bastante adequado para uma abordagem metodológica fonética (Barausse, 2018).

Nesses anos, a produção local de silabários, principalmente por professores, continuou a crescer. Contudo, essa produção nem sempre passava pelas revisões necessárias, emergindo apenas em casos de inspetores mais atentos. Por exemplo, no distrito vicentino de Bassano, havia treze silabários em circulação, mas apenas quatro eram considerados adequados e válidos pelo inspetor: dois escritos por professores locais, Boeche e Ciscato, e dois com uma difusão mais ampla, como os de Scavia e Garelli. Em particular, o silabário de Bernardino Ciscato (Rumor, 1904), mestre das escolas de Vicenza e professor de língua italiana na escola magistral masculina¹⁴, recebeu elogios do inspetor:

O silabário a método simultâneo de leitura e escrita, publicado há dois anos por Bernardino Ciscato, tem conquistado cada vez mais adeptos na província, especialmente após os bons resultados observados nas escolas superiores e de adultos nos distritos de Valdagno, Schio, Lonigo e Vicenza. Começa com exercícios de postura da cabeça e de segurar a caneta, passa aos primeiros sinais de escrita, depois à escrita

¹² Os 63 relatórios se referem às 22 *districtos amministrativi* (*circondari*) de Itália do norte, 18 distritos de Itália central e 23 distritos de Itália do sul. Todos estão guardados no ACS, MPI, F. *CSPI*, I Serie 1849-1903, *Atti posteriormente versati*, b. 5, f. 6. Agora são reproduzidos de forma integral em Barausse (2018).

¹³ Disto silabário continuava a circulação de uma edição de 1873 intitulada *Sillabario graduato*, publicada seja pela tipografia Sordomuti de Genua seja pela editora Paravia de Turim, mais ampla, difundida, também, pelas escolas de Milão. Esta edição tinha um defeito grave no colocar os ditongos e o autor foi constrangido a realizar uma nova edição.

¹⁴ Bernardino Ciscato nasceu em Velo d'Astico em 18 de agosto de 1834. Foi professor do ensino fundamental, primeiro em Valdagno, entre 1863 e 1866, e depois nas escolas do município de Vicenza até 1893. Entre 1884 e 1891, foi também diretor da escola S. Marcello, enquanto entre 1872 e 1876 foi professor de matemática na escola feminina de formação de professores em Vicenza e, entre 1877 e 1882, lecionou italiano na escola masculina de formação de professores em Vicenza (Rumor, 1904).

por imitação e ditado, e termina com a leitura alternada de escrita cursiva e impressa. É, em minha opinião, superior aos de Gazzetti e Garelli, que seguem o mesmo método, sendo seu único obstáculo a maior difusão o preço mais elevado por ser litografado. Quando o professor sabe fazer bom uso desse silabário, acredito que seja igualmente adequado para as escolas rurais. De fato, neste ano foi adotado como texto em todas as escolas superiores e inferiores do município de Vicenza (Barausse, 2018, p. 463).

Outro exemplo foi o distrito de Verona, onde se destacou o silabário criado por um mestre local, Luigi Panizzoni, sobre o qual o inspetor expressou um julgamento particularmente positivo:

Por fim, o *Nuovo Sillabario* que recomendo foi composto, segundo o método silábico, pelo sr. Luigi Panizzoni, um experiente e hábil professor que, há trinta anos, exerce sua função nas escolas elementares de Verona. As qualidades que distinguem este livreto são: a observância constante da lei da graduação, a escolha apropriada dos exercícios, tanto para praticar a leitura quanto para ajudar no desenvolvimento das faculdades intelectuais e na educação do coração. Esse silabário é utilizado nas escolas de Verona e em muitas escolas rurais e obteve ótimos resultados (Barausse, 2018, p. 442).

Nas escolas dos distritos da Itália central, os silabários mais utilizados eram os de Troya e Scavia, seguidos pelos de Bini, Pozzi, Giovanni Parato, Castrogiovanni, Garelli, Carbonati, De Castro, Pozzi e Melga, Bettini, Thouar, Borgogno, Barbieri, Altavilla, Rosa, Fanucci, Ricci e Gastaldi. Para o inspetor de Massa Carrara, Antonio Bruni — ele próprio autor de um texto — o silabário de Scavia era o mais bem-sucedido por sua simplicidade, sendo preferível aos de Pozzi e Troya, que apresentavam o defeito de incluir diferentes tipos de escrita. O inspetor de Ancona também considerava os silabários de Scavia e Troya os melhores por respeitarem a lei da graduação, mas para as escolas noturnas e dominicais considerava o de Garelli mais útil, pois apresentava um método mais acelerado.

Nas escolas dos distritos do sul da Itália e das ilhas, o nome de Scavia aparecia com ainda mais frequência nos relatórios dos inspetores, sendo mencionado em 32% dos casos; o de Troya em 21% e o de Pozzi em 15%. Em 6% dos casos, eram mencionados os nomes de Castrogiovanni e G. Parato, e em 3% das relações, os de Mottura, Parato, Pozzi e Melga, Bini, Borgogno, De Pamphilis, Arces e Giudice (Barausse, 2018, p. 451-453). Segundo alguns inspetores, havia várias razões para a preferência pelos textos de Scavia e Troya. O inspetor do distrito de Nápoles observava que os silabários de Scavia e Troya eram os mais difundidos, pois interpretavam da melhor maneira a transição do método alfabético para o silábico (Barausse, 2018, p. 646-649). No distrito de Nicastro, o silabário de Scavia era preferido por sua forte ênfase educativa, moral, religiosa e cívica (Barausse, 2018, p. 643-645), enquanto no de Caltanissetta, o de Troya era louvado pela clareza, simplicidade e respeito à lei da graduação, usando verbos, advérbios, adjetivos e substantivos que refletiam a realidade familiar às crianças e, não menos importante, por seu preço acessível. O único limite apontado pelo inspetor era a dificuldade de utilizá-lo segundo o método simultâneo de leitura e escrita (Barausse, 2018, p. 481-494). Para o inspetor de Trapani, o silabário de Castrogiovanni era o mais bem-sucedido, rico em "máximas morais" que deveriam ser o objetivo central da instrução, embora, por vezes, faltasse a característica da gradação:

Se essas máximas não forem distribuídas nos livros de forma a tocar o coração seguindo uma lei harmônica de gradação, o livro não conseguirá conquistar o coração do aluno. As faculdades morais não diferem das físicas e intelectuais; para serem desenvolvidas, é necessário proceder do fácil ao difícil, do conhecido ao desconhecido (Barausse, 2018, p. 625-626).

O inspetor das escolas da Sardenha, nas regiões de Oristano e Lanusei, também não tinha dúvidas em reconhecer "verdade científica, mérito literário e valor didático" aos três silabários mais difundidos no distrito: os de Pozzi, Scavia e Parato. Nessa análise, incluíam-se as discussões científicas contemporâneas entre especialistas em metrologia, ortofonia e ortografia, envolvendo o uso do número e da tipologia de ditongos, tritongos, bem como das sílabas simples diretas e inversas ou compostas. Além disso, os autores buscavam ferramentas didáticas adequadas à idade dos alunos (Barausse, 2018, p. 650-653).

No entanto, os julgamentos dos inspetores não eram unânimes e começaram a surgir considerações críticas, especialmente de caráter metodológico, que questionavam cada vez mais os silabários que haviam dominado o panorama didático para o ensino da leitura e escrita. O inspetor de Gênova, por exemplo, apontava que a obra de Troya tinha o defeito de ser "demasiado longa" e a de Scavia carecia de palavras inteiras, o que, se fosse implementado, permitiria evitar o uso do complemento e, assim, reduzir os custos (Barausse, 2018, p. 625-626). Já o inspetor de Milão considerava que os silabários de Mottura e Parato não deveriam ser utilizados (Barausse, 2018, p.631-638). Em Aquila, o inspetor expressava que a melhor ferramenta didática era a lousa, considerando os silabários em geral "inumeráveis e semelhantes uns aos outros, carecendo de lógica e bom senso". Segundo ele, muitos desses livros eram cópias ligeiramente modificadas de outros e vendidos por professores que procuravam complementar seus baixos salários. Na opinião do inspetor, esses silabários continham sílabas que, quando pronunciadas, formavam palavras sem sentido, como nos exemplos do poema *Pape Satan Aleppe* de Dante ou *Raphel mai amech zabi almi* de Nembro. Nessas condições, as crianças não adquiriam nenhum conhecimento real.

Ele também destacava que a maioria desses pequenos livros parecia antiquada, tanto na forma em que eram escritos quanto impressos. O autor, ao querer expressar uma sentença, dividia as palavras de maneira que dificultava a compreensão. Por exemplo, uma frase como "temerete i pericoli" (vocês temerão os perigos) era apresentada de forma fragmentada, como "te-me-re-te i pe-ri-co-li", o que levava as crianças, e às vezes até o professor, a ler de forma incorreta e sem compreender o significado da frase. Ele criticava obras como as de Troya, Scavia, Bini, Borgogno, Barbieri, Altavilla e Castrogiovanni, entre outros, que, em sua opinião, careciam de lógica e sentido prático.

Para o inspetor, o verdadeiro silabário deveria ser o quadro-negro, onde o professor podia compor palavras com significado a partir de sílabas, explicando-as aos alunos. No entanto, se um silabário tivesse que ser adotado, ele preferia o de Lorenzo Molossi, publicado em Parma em 1845, que sugeria perguntas graduadas para os alunos, guiando-os à leitura de palavras definidas com precisão de linguagem, de forma que o nome das coisas permanecesse impresso em suas mentes. Esse método permitia que a mente das crianças refletisse sobre uma sequência de objetos, formas e ideias de forma clara e ordenada.

Na segunda metade do século XIX, especialmente nas escolas do sul, a circulação de textos aumentou e a hegemonia dos silabários de Scavia, Troya e Parato começou a declinar, abrindo espaço para autores novos e locais. No entanto, alguns inspetores ainda consideravam o silabário de Parato inadequado para as primeiras classes, apesar de tentar conciliar métodos antigos e novos.

Algumas evidências de crescimento da produção local e do desenvolvimento do mercado tipográfico-editorial no sul também foram observadas pelos inspetores dos distritos meridionais. O inspetor de Caltanissetta, por exemplo, mencionou o *Nuovo sillabario graduato* de Alfonso Arces, um professor das escolas municipais de Palermo, publicado por uma pequena tipografia local, a Terzi, em 1873, que foi premiado no VII Congresso Pedagógico de Nápoles. Em outros casos, como em Bari, a tradição purista influenciava a preferência por silabários como o de Giacinto De Pamphilis em vez dos de Bini, Borgogno e Scavia.

2. A evolução da produção nos anos da Esquerda Histórica (1876-1898)

Durante as décadas de governo da Sinistra Histórica, o volume total da produção de silabários e complementos registrou um desenvolvimento considerável. Entre 1876 e 1898, foram publicados pelo menos 669 exemplares, entre silabários e seus complementos. O número de locais de edição aumentou para 118. Se dividirmos o longo período da Sinistra Histórica entre os anos de governo de Depretis e os de Crispi, podemos observar um progresso contínuo.

Entre 1876 e 1888, ano da promulgação dos novos programas inspirados no positivismo por Boselli, foram publicados 220 novos silabários por 160 editores e tipógrafos em 72 locais de edição diferentes, demonstrando um crescimento na atenção da indústria editorial escolar na época. O mesmo padrão continuou na década marcada pela experiência crispina e pela crise de fim de século, com 449 silabários e complementos publicados entre 1889 e 1898, incluindo novas edições e reedições de títulos anteriores. Ao final, cerca de 355 tipógrafos e editores estiveram envolvidos na produção de silabários e complementos para as escolas primárias, evidenciando um aumento no interesse pelo gênero, provavelmente relacionado à expansão gradual da alfabetização e da escolarização no século XIX.

Esse fenômeno foi paralelo ao crescimento dos periódicos voltados para professores. Dentro dessa expansão da produção, é possível observar uma evolução significativa entre os editores envolvidos no setor específico dos primeiros livros para o aprendizado da leitura e da escrita. Durante o longo período da Sinistra Histórica, os tipógrafos-editores mais presentes na produção de literatura didática para o ensino da leitura e escrita continuaram a ser os grandes polos editoriais, como o de Turim, que foi responsável por cerca de um sexto da produção didática (136 títulos). Dentro desse contexto, a editora Paravia continuou a desempenhar um papel predominante, garantindo a publicação de 82 silabários e complementos no mercado. O restante da produção era dividido entre editores menores como Grato Scioldo, anteriormente Vaccarino, com 14 títulos, Giulio Speironi com 4, G.B. Petrini com 2, Tarizzo com 3, e outros como Cerruti, Loescher, Roux e Favale com um título cada.

Embora Turim mantivesse um papel monopolístico na área piemontesa, surgiram algumas pequenas tipografias que publicaram silabários, como as de Alba, Alessandria, Cuneo, Mondovì e Saluzzo, que, juntas, produziram 13 títulos ao longo de 22 anos. No entanto, Turim já não era mais o único polo dominante, enfrentando a concorrência das produções de Milão e Florença. O contexto milanês, com 120 títulos, contou com editores e tipógrafos ativos como Vallardi e Trevisini, que publicaram respectivamente 28 e 17 livros entre silabários e complementos. Outras editoras menores também contribuíram, como Carrara, Massa, Pagnoni, Messaggi, Sonzogno, Debalà e Wilment.

O polo milanês atraía bastante atenção, deixando pouco espaço para outras realidades tipográficas e editoriais da Lombardia, como Pavia (Marelli), Mântua (Stab. Tip. Mondovì), Brescia (Apollonio), Bérgamo (Stab. Tip. Lit. Fr.lli Bolis) e Varese (Tip. May e Malnati), que juntas deram origem aos 31 outros títulos identificados.

Na Toscana, os 91 títulos produzidos eram principalmente provenientes da editoração e tipografia florentina, com a Bemporad assegurando a publicação de 27 títulos, Felice Paggi com 12, e Salani com 7. Além deles, havia outros pequenos editores e tipógrafos que contribuíam

de forma mais esporádica, como Giusti, de Livorno (4 títulos), Sansoni (3), e Barbera (1). Um dado importante é que, nesses anos, muitos editores e tipógrafos de província começaram a se interessar pelo gênero didático, muitas vezes com a colaboração de professores locais que publicavam seus próprios silabários e complementos.

Na Ligúria, Gênova era o polo que concentrava quase toda a produção de silabários, graças à Tipografia do Instituto dos Surdos-Mudos, à tipografia associada ao periódico *L'Educatore Ligure* e ao editor F. Lombardi e C. Por outro lado, a situação no Vêneto e na Emília-Romanha era mais fragmentada. Nessas regiões, havia uma produção mais dispersa, que parecia melhor atender à demanda dos professores, representando cerca de um sexto da produção total nos 22 anos. No Vêneto, foram publicados 20 títulos entre 1876 e 1888 e outros 20 entre 1889 e 1898, graças a cerca de 30 tipógrafos e editores espalhados por cidades como Pádua, Verona, Veneza, Vicenza, Belluno, Treviso, Údine, Rovigo e Ferrara. Destacavam-se o Estabelecimento Tipográfico Apollonio de Verona, Civelli e a Tipografia Reale Burato de Veneza.

Na Emília-Romanha, o mercado editorial produziu 60 títulos durante o mesmo período, com 18 nos primeiros 12 anos e 42 nos 10 seguintes. Um terço dessa produção foi assegurada pelo editor e tipógrafo Luigi Battei de Parma, enquanto os demais foram resultado do trabalho de mais de 33 pequenos editores e tipógrafos localizados em Bolonha, Módena, Reggio Emilia e Piacenza, como o Estabelecimento de Zamorani e Albertazzi, G.T. Vincenzi e Sobrinhos, Leopoldo Bassi, A. Del Maino, Fratelli Bernardi e Augusto Asioli.

A produção de silabários nas regiões centrais da Itália foi relativamente limitada. No total, foram identificados 49 títulos publicados. O Lácio não se destacou particularmente nesse contexto. Os únicos editores e tipógrafos envolvidos na publicação de silabários, conforme a pesquisa, foram o editor Claudio Stracca de Frosinone e a Tipografia Pansera de Fondi. Mesmo o setor tipográfico-editorial romano não parecia prestar muita atenção ao crescente mercado, com a capital produzindo apenas 18 títulos, dos quais cinco eram da sucursal romana da Paravia, e os demais distribuídos entre a editora Dante Alighieri, a Tipografia Nacional de G. Bertero, os irmãos Pallotta, *L'Avvenire dei maestri italiani* de Giovanni Merighi, a Tipografia Forzani e C., a Tipografia da Real Academia dos Linces e a Tipografia Metodista.

Ainda menos sensível era a realidade tipográfico-editorial das Marcas, da Úmbria e dos Abruzos. Nas Marcas, seis dos oito títulos publicados foram produzidos nos primeiros dez anos da Sinistra Histórica, por pequenos tipógrafos localizados em Ancona, San Severino Marche, Loreto, Osimo e Pesaro. Na Úmbria, seis títulos foram impressos, dos quais dois entre 1876 e 1888, por tipografias em Foligno, Umbertide e Rieti. Nos Abruzos, dois terços da produção total entre 1876 e 1898 (9 de 15 títulos) foram garantidos pelo crescimento da editora Rocco Carabba de Lanciano, além de tipografias em L'Aquila e Vasto.

Nos 22 anos que separaram a chegada de Coppino ao Ministério da Instrução Pública e a crise institucional do fim do século, surpreendeu a maior presença de tipógrafos e editores prontos para atender à crescente demanda por silabários e complementos no sul da Itália. Esse processo não se limitou aos grandes polos, mas incluiu uma realidade tipográfico-editorial mais fragmentada.

No total, a realidade tipográfico-editorial meridional produziu 109 obras: 47 delas realizadas até a aprovação dos novos programas de 1888 e 62 no período seguinte. A produção foi liderada pelas regiões da Campânia e da Sicília. Entre 1876 e 1898, a Campânia produziu 31 títulos, 14 deles durante os anos de Depretis e 17 durante o período crispino. Um terço da produção campana foi realizada em Nápoles, graças à atividade de diversos tipógrafos e editores, entre eles a Ditta de Antonio Morano, a Tipografia De Angelis e Bellisario (com 3 títulos), e o Estabelecimento Tipográfico de Vincenzo Pesole (com 2). Pequenos editores, como Bideri e Ciro Petruzzelli, contribuíram com um título cada.

Na Sicília, os 65 títulos publicados ao longo dos 22 anos foram majoritariamente resultado da atividade editorial de Palermo, que produziu 49 obras entre silabários e complementos. O desenvolvimento da empresa tipográfico-editorial de Remo Sandron foi significativo, cobrindo 26 títulos — 24 dos quais durante o período crispino —, garantindo ao capoluogo siciliano uma posição de liderança na produção de material didático para as escolas primárias. Outras cidades, como Catânia, Messina, Caltanissetta, Sciacca e Girgenti, contribuíram com a publicação de 13 silabários, sendo que 10 deles foram realizados no período de 1876 a 1888, e apenas 3 nos anos seguintes. Em Palermo, além da editora Sandron, destacaram-se tipógrafos e editores como Salvatore Biondo, que, no final do século, publicou 6 obras, Luigi Pedone Lauriel com 3 e Benedetto Lima com 2.

A difusão e circulação de silabários e complementos para as primeiras leituras no sul da Itália foram, portanto, marcadas pela competição entre as realidades editoriais urbanas de Nápoles e Palermo. Outras regiões apresentavam uma produção menor e mais distribuída, com editoras e tipografias menores desempenhando um papel importante.

Por exemplo, para imprimir os cinco títulos de silabários na Puglia, recorreu-se a tipógrafos e editores de cidades menores como Bitonto (Estab. Tip. Garofalo), Trani (Tip. Ascanio Laghezza), Taranto (Natale) e Ostuni (Ennio G. Tamborino). No Molise, três professores primários se esforçaram para publicar os silabários utilizados em sala de aula, recorrendo ao Estabelecimento Tipográfico dos irmãos Colitti e à tipografia Jamiceli, ambos de Campobasso. Na Basilicata, os três títulos identificados foram produzidos por tipografias locais em Potenza (Estab. Tip. A. Pomarici), Lagonegro (Tip. del Sirino) e Rionero (Tip. Torquato Ercolani). Na Calábria, apenas um título foi registrado, impresso por um tipógrafo em Catanzaro. Na Sardenha, os quatro silabários produzidos foram impressos por quatro diferentes tipografias (Dessi, Gallizzi, Commercio e Timon) (Relazione, 1894).

Nos últimos decênios do século, consolidou-se a tendência de envolvimento direto de professores, inspetores e diretores escolares na escrita de silabários e complementos, além de “alguns escritores que não desprezaram se dedicar a essa obra humilde” (RELAZIONE 1894, p. 18). Era cada vez mais comum encontrar professores primários entre os autores, uma tendência que se consolidou a partir da metade da década de 1870, impulsionada pela realização de conferências pedagógicas e magistrais, que envolviam os membros mais preparados do corpo docente (GONZI, 1875). Esses professores frequentemente participavam como publicistas de revistas destinadas aos professores e eram promotores de associações de educadores e defensores de uma abordagem mais laica na escola.

Entre esses autores, destacou-se o professor das escolas primárias de Roma, Natale Inverardi, autor de um bem-sucedido silabário amplamente difundido na capital e em outras regiões. Inverardi mantinha contato próximo com Emanuele Calesia, professor da universidade de Gênova, e, desde o início de sua carreira em Roma, destacou-se por sua “inteligência e zelo”, recebendo o apoio de vários assessores por sua competência didática.

Graças à sua perícia, Inverardi foi frequentemente consultado para estudar regulamentos e programas, bem como para melhorar a formação dos professores, ministrando conferências e aulas. Em 1871, já gozava do respeito do provedor e dos inspetores, sendo incumbido de dar aulas de pedagogia aos professores romanos e realizar palestras públicas sobre direitos e deveres. Em 30 de março de 1872, foi nomeado diretor especial, e em 1890 venceu o concurso para inspetor. No mesmo ano de 1872, foi presidente da Sociedade dos Professores de Roma e, em 1879, participou da fundação da primeira tentativa de criar uma organização nacional para professores primários, a Associação Nacional dos Professores Primários (In Memoria, 1912; Barausse, 2014).

Na segunda metade dos anos 1870, Inverardi se tornou uma figura apreciada por Michele Coppino. O trabalho como professor foi complementado por suas atividades como publicista. Seu interesse específico estava na produção de livros didáticos para as primeiras classes elementares. Antes de se mudar para Roma, publicou *Lezioni di grammatica italiana*,

aprovado pelo conselho escolar de Gênova em 1869; mais tarde, seus *Primi esercizi del leggere e dello scrivere*, aprovado por 29 conselhos escolares, acompanhado por um curso de escrita em 8 cadernos, foi premiado na Exposição de Paris de 1878 (SUL LIBRO, 1876).

Nesse período, houve um desenvolvimento adicional na produção de silabários projetados para facilitar o ensino simultâneo, como o de Giuseppe Celli, premiado com medalha na Exposição Geral Italiana realizada em Turim em 1884. Este silabário foi adotado nas escolas municipais de Milão e, em 1886, já estava em sua nona edição, introduzindo uma maior atenção à disposição visual das vogais em diferentes tamanhos.

O silabário de Giuseppe Celli (1886) tornou-se particularmente popular por sua abordagem inovadora, que facilitava o aprendizado simultâneo da leitura e da escrita por meio de exercícios cuidadosamente graduados e com a utilização de material visual que reforçava a memória dos alunos. Essa tendência em adotar métodos mais visuais e práticos refletia uma mudança metodológica progressiva em direção a técnicas pedagógicas que buscavam engajar e sustentar o interesse dos alunos. Os manuais de Celli não apenas representavam um exemplo de adaptação eficaz às exigências pedagógicas, mas também de como a produção de livros didáticos estava se tornando mais diversificada e especializada.

O desenvolvimento posterior da produção de manuais foi influenciado inicialmente pela reforma dos programas promovida pelo ministro Boselli que, como é sabido, em 1888 introduziu a medida elaborada pela comissão presidida por Aristide Gabelli, inspirada nos princípios do positivismo (RIFORMA DEI PROGRAMMI, 1888). Os programas para o ensino da língua voltavam a enfatizar, entre outras coisas, a necessidade de corrigir os defeitos na pronúncia, a importância dos exercícios de ditado e de memória, mas no contexto de uma atividade que se realizasse dentro da experiência cotidiana da criança. Estavam previstos os exercícios de leitura e escrita simultânea e o ensino objetivo através da explicação de nomes presentes nas salas de aula e nos ambientes domésticos. Posteriormente, em 1894, foi o ministro Baccelli quem interveio novamente, reduzindo o que havia sido prescrito por Boselli. Como consequência dessas medidas, Baccelli decidiu restabelecer os trabalhos da Comissão Central destinada a monitorar a produção de livros didáticos (Tabacchi, 2013). A comissão, presidida por Giuseppe Chiarini, examinou, em abril de 1894, 193 livros e 66 complementos. Posteriormente, analisou 94 produtos, entre os novos silabários apresentados após setembro de 1894 e aqueles reapresentados com modificações mais ou menos significativas. Entre eles, não estavam incluídos os cartazes e outros instrumentos semelhantes de leitura simultânea. Essa escolha derivava das considerações feitas nas Instruções que precediam os Programas de 1894, que condenavam "o péssimo hábito ainda presente em algumas escolas de fazer vários alunos lerem simultaneamente em cartazes ou silabários, de modo que o exercício para muitos se torna uma ficção e para todos um hábito de leitura com pausas ou cadências viciosas que dificilmente se extinguem nas classes superiores" (Relazione, 1895, p. 1430).

A comissão Chiarini também quis examinar 87 complementos aos silabários, incluindo nesta categoria até mesmo aqueles "primeiros livretos dos cursos completos de leitura e todos os outros livros de leitura que, sem serem expressamente intitulados assim, pareciam ter o caráter e a intenção de suplementos ao Silabário, seja por conterem os exercícios necessários de leitura corrente, seja pela simplicidade e facilidade de forma e conteúdo apropriados às crianças que, por serem pequenas em idade e ideias, não devem e não podem buscar ou adquirir no livro e na escola novas e difíceis noções de que não têm necessidade nem capacidade, mas apenas e principalmente o hábito da leitura" (Relazione, 1895, p. 1428).

No panorama mais geral de uma produção considerada insatisfatória ("sobrecarregada de livros malfeitos, mal concebidos e mal escritos"), a comissão deu preferência aos textos que adotavam o método fonético-silábico, considerados mais adequados para uma rápida aprendizagem, e aos complementos que mais respeitavam o princípio de gradualidade e o conteúdo educativo. Ao final, apenas 44 silabários e 27 complementos foram aprovados (Relazione, 1895).

Por fim, em 1898, foi apresentada uma nova relação que examinava 169 novas edições de silabários. Entre os autores aprovados, surgiram novas figuras de mestres e professoras, diretores de escolas normais, publicistas escolares, escritores como F. Agabiti, I. Baccini, V. Bagli, M. Bargoni, R. Barberis, C. Ottini, G. Barengo, C. Benedicti, E. Berni, L. Bertelli, L. Bettini, A. Cavezzali, V. Caroli, S. Corti, F. De Grazia, P.P. Fongoli, E. Pantaleo, S. Raccuglia, M. Zaglia, etc (Relazione, 1897). Muitos deles adotaram uma abordagem cuidadosa para traduzir nos silabários os princípios pedagógicos do positivismo a fim de renovar o ensino da língua. Como afirmou um deles, Antonio Ambrosini:

hoje, a escola, enquanto ensina a escrever e a ler, aguça os sentidos, abre a mente, melhora a linguagem das crianças e ativa todas as suas capacidades corporais e espirituais; de modo que o ensino da língua, tornando-se fresco, vivo e variado, é altamente agradável para as crianças (Ambrosini, 1913, p. 7).

3. Os silabários entre língua, educação moral, ética-cívica e identidade nacional

Do ponto de vista linguístico, os silabários não se afastam dos padrões do italiano literário tradicional no léxico e na morfossintaxe. Contudo, a análise dos livretos permite constatar, como foi recentemente apontado, a existência de uma "certa polimorfia" (De Roberto, 2011). No entanto, não é este o lugar para apresentar aspectos técnicos de caráter linguístico. Uma análise mais detalhada deve ser feita, por outro lado, sobre o léxico utilizado nos silabários. É predominante a referência à realidade cotidiana. A nomenclatura empregada nos silabários, por ser destinada a um público ainda analfabeto, faz uso de um léxico bastante simples, onde referências a termos abstratos não são frequentes. A componente lexical mais utilizada reflete o contexto socioeconômico italiano da época. Encontram-se, assim, termos que remetem à realidade rural e campestre. Em muitos casos, essa dimensão é explicitada até mesmo nos títulos, especialmente nos complementos aos silabários. Muitas vezes, as crianças são introduzidas à silabação recorrendo justamente à nomenclatura diretamente ligada ao trabalho nos campos (La zap-pa è un ar-ne-se as--sai u-ti-le al--l'a-gri-col-tu-ra. La zan-go-la e il bat-ti-bur-ro. Il vi-gna-iuo-lo in-trec-cia i tra-lci del-la vi-te. Grap-po-lo di u-va mo-sca-rel-la¹⁵) (Sillabario, 1870). O limitado desenvolvimento industrial não favorece o uso de uma terminologia mais articulada, exceto em termos muito genéricos ("Il traffico e l'industria fanno la ricchezza dei popoli")¹⁶ (Sillabario, 1870). A identidade rural e campestre constitui o fundamento comunitário da nova realidade nacional. Como indicava uma proposição no silabário de Massimiliano Barbieri, inserida para exercitar os alunos:

Jovenzinhos, desde a sua tenra idade sejam estudiosos e enriqueçam seu intelecto com conhecimentos úteis. Quando crescerem, que sua principal preocupação seja fazer progredir a bela arte da agricultura. O povo italiano deve, de forma especial, se dedicar a cultivar suas próprias terras. Um terreno bem cultivado nunca deixa de produzir em abundância seus frutos: é dele que devemos extrair grandes riquezas. O próprio clima da nossa bela península contribui para a fertilidade do nosso solo (Barbieri, 1872, p.44).

¹⁵ A enxada é uma ferramenta muito útil para a agricultura. A manteigueira e o batedor de manteiga. O viticultor entrelaça os ramos da videira. Cacho de uva moscatel. (Tradução nossa).

¹⁶ O tráfego e a indústria fazem a riqueza dos povos. (Tradução nossa).

A nomenclatura mencionada nos silabários pós-unificação reflete, ainda, uma dimensão enciclopédica do saber, acompanhada de constantes referências à dimensão religiosa. É comum encontrar silabários que repetem de maneira semelhante a estrutura nomenclatural e a divisão sugerida por aqueles de Thouar, Scavia ou Troya (1872), que — seguindo o modelo básico constituído por Alessandro Parravicini — frequentemente servem como modelo para muitos outros silabários, como o de Vago (1870), onde se encontram grupos de palavras que se referem a alimentos vegetais, alimentos animais, bebidas (“In Inghilterra si fa grande uso della birra, in Italia delle limonate”¹⁷) (Vago, p.8), roupas masculinas, habitações, utensílios de cozinha, ferramentas de adegá e “ferramentas escolares”. Ou o de Celli (1886), onde a nomenclatura inclui o céu, a terra, o ar, a água, o tempo, as plantas, os animais, o homem, a escola e os frutos da escola. Também no *Pequeno Silabário das Escolas Rurais com os primeiros exercícios de leitura corrente* de Carlo Mottura e Giovanni Parato, flores, plantas e animais povoam constantemente as poucas páginas desses livretos, alternando-se com provérbios, apólogos ou pequenas fábulas morais.

No seio das elites liberais, ainda que com variações, está profundamente arraigada a concepção de que a estrutura social italiana é caracterizada pela presença de dois povos distintos. De um lado, as classes dirigentes, minoritárias; de outro, as classes subalternas, que devem ser submetidas a um processo de civilização que favoreça sua integração na nova sociedade nacional, sustentada por uma verdadeira “religião civil” (Chiosso, 1987; Sani, 2012). Os textos apresentados nos silabários ou em seus complementos exaltam as virtudes que são, assim, coerentes com a perspectiva ético-cívica perseguida pelas elites liberais. Por meio dos silabários, são expressos e pretendem-se transmitir conteúdos educativos que se baseiam em uma concepção ética precisa da vida humana, que precede e sustenta a formação do italiano e de sua identidade nacional. Com estas palavras, o mestre Azzi especificava esses conceitos:

O mestre capaz entenderá imediatamente a necessidade de explicar as palavras, suas combinações e as proposições, exercitando seus alunos na nomenclatura, desenvolvendo os órgãos da fala e proporcionando a oportunidade de enriquecer sua inteligência com conhecimentos indispensáveis para a vida civil (Metodo, 1869).

Dentro dessa perspectiva, nos silabários é constante o uso de provérbios ou máximas morais, além de pequenas fábulas, muitas vezes com animais como protagonistas, para reforçar os deveres morais e exemplificar vícios e virtudes. Frases como “do-ve-re è la-vo-ra-re” “I be—vo-ni me-no-ma-no i lo-ro di” “La ro-ba ru-ba-ta ro-vi-na i ru-ba-to-ri” “Te-mi Di-o, a-ma-lo, o-no-ra-lo”. Di-o ti ri-mu-ne-re-rà. Deus te recompensará”¹⁸ são exemplos frequentes. Até mesmo nas revisões das leituras silábicas encontram-se frequentemente temas de caráter ético. A internalização dos valores e da ética burguesa, como a honestidade, integridade, senso de honra, respeito às leis e à autoridade, rejeição aos excessos e aceitação do próprio status, constitui tópicos comuns desses silabários e de seus complementos, como os de Thouar ou Borgogno, que além de servirem de modelo para outros autores, especialmente de livros de leitura, tinham o objetivo de introduzir as crianças naquilo que, em um exercício de leitura, é definido como sociedade civil:

¹⁷ Na Inglaterra se consome muita cerveja, na Itália, limonada. (Tradução nossa).

¹⁸ “Trabalhar é dever”, “Os bêbados destroem seus próprios dias”, “Os bens roubados arruinam os ladrões” e “Teme a Deus, ama-o e honra-o. (Tradução nossa).

Sociedade civil. Eu, que sou estudante, frequento a escola, onde espero aprender muitos conhecimentos bonitos e úteis. Mas, para cumprir meus deveres escolares, preciso que outros providenciem o que é necessário para mim. O padeiro, de fato, me fornece o pão. O alfaiate faz minhas roupas; o sapateiro, os sapatos; o chapeleiro, os chapéus. A lavadeira limpa minhas roupas. O professor se esforça para me instruir. Essas pessoas cuidam de mim, pensando continuamente em tornar minha vida melhor! Mas essas pessoas também precisam umas das outras. O padeiro não poderia assar o pão, se o moleiro não transformasse o trigo em farinha; e o moleiro não poderia fazer isso, se o agricultor não lhe fornecesse o trigo ao custo de longos e árduos esforços. Eu também, quando me tornar adulto, pensarei em ser útil aos meus semelhantes, exercendo alguma profissão ou arte ou ofício. Todos precisamos uns dos outros; todos, portanto, temos o dever de nos amar, proteger e ajudar mutuamente. Essas necessidades e deveres são o que constituem a sociedade civil (Mottura;Parato, 1886, pp. 6-7).

O uso de pequenas fábulas em que animais são os protagonistas é recorrente na exposição de vícios e virtudes, assim como para enfatizar a defesa da propriedade privada, como na fábula do lobo, do asno e do hortelão:

Um lobo queria devorar um asno. Hermete, o hortelão, o viu. Imediatamente pegou um bastão, levantou-o e convidou o lobo a se aproximar. O lobo estava faminto; ainda assim, foi embora. Moral: Cuide de si mesmo e de suas coisas; seja resoluto e evite a timidez (Borgogno, 1886).

É igualmente evidente o uso da pedagogia do exemplo, muitas vezes associada ao destino negativo de quem não segue o preceito “Chi non ha un me-stie-re e va a spas-so, s’ av-via al-l’os-pe-da-le pas-so pas-so”¹⁹ (Scavia, s/a).

Um dos temas mais recorrentes, tanto no léxico quanto nas proposições simples sugeridas para as crianças, é o da diligência no trabalho, que, juntamente com a obediência, a temperança e a generosidade, aparece frequentemente (“Nós nascemos para o trabalho. O ócio é um vício. O ócio e os vícios levam à miséria. O homem orgulhoso será humilhado. Maurício, seja sincero. A vida boa nos traz alegria. Se você deseja viver por muito tempo, tenha uma vida ordenada e feliz”) (Sillabario, 1870, p. 28). E ainda: “[...] Dopo una vita oziosa viene la miseria. La roba rubata poco dura e rovina il rubatore. Date all’operaio il prezzo di sue fatiche. Gli oppressi trovano lor premio in cielo [...]”²⁰ (Sillabario, 1870, p. 28). Progressivamente, ao longo dos anos, os temas dos deveres para com o trabalho, como “Assuéfati di buona ora al lavoro”²¹ (Sillabario, 1870, p. 28), crescem nos silabários, antecipando os tópicos da autoajuda que estarão ainda mais presentes nos silabários produzidos nos anos oitenta (Berra, 1981; Chemello, 1991).

Outro dever frequentemente enfatizado nos silabários é o da higiene, com o uso de normas e preceitos de caráter higiênico. É comum o uso de um léxico que remete a esses aspectos (penico, lavatório, mesa) ou expressões como: “Le ma-ni de-vo-no es-se-re te-nu-te

¹⁹ Quem não tem um ofício e anda à toa, caminha em passos largos para o hospital. (Tradução nossa).

²⁰ Depois de uma vida de ócio, vem a miséria. Os bens roubados duram pouco e arruinam o ladrão. Pague ao trabalhador pelo preço de seu esforço. Os oprimidos encontram sua recompensa no céu. (Tradução nossa).

²¹ Habitue-se cedo ao trabalho. (Tradução nossa).

pu-li-te. Il mo-to mo-de-ra-to fa be-ne. Mi la-ve-rò le ma-ni e il vi-so ap-pe-na le-va-to. L'a-bi-to rap-pez-za-to non fa on-ta, co-me un a-bi-to mac-chi-ato”²² (Sillabario, 1870, p. 8).

Entre os deveres recorrentes, encontramos o da instrução, apresentado quase sempre como um passo para garantir o progresso e a civilização, como emerge deste breve trecho expresso em forma de diálogo direto e imediato:

Como estou feliz por ter ido à escola, repetiu o bom Giulietto à sua querida mãe anteontem. Em apenas nove meses aprendi a ler corretamente, a escrever ditados, a saber números, a fazer contas e até a falar um pouco sem fazer muitas bobagens. Você não acha, mãe, que eu soube aproveitar bem o meu tempo e aproveitar tudo o que meu bom professor me ensinou? Sim, respondeu a mãe, beijando-o com ternura, você foi muito bom; continue sempre assim, e chegará o dia em que você será útil para si e para os outros ²³ (Celli, 1886, p. 56).

A valorização dos processos de escolarização também passa pela admiração da figura do professor e pela crítica ao aluno preguiçoso ou pela apresentação de exemplos negativos em forma de pequenas histórias, como em “O menino desobediente”, onde Silvio é um garoto que “Certa manhã desobedece aos desejos dos pais e do professor, e, em vez de ir à escola, junta-se a alguns garotos travessos e vai brincar à beira de um rio”. Após introduzir elementos de nomenclatura geográfica, o autor concluía a narrativa: “O que aconteceu com Silvio? — Ele começou a colher algumas florzinhas que nasceram por acaso na margem do rio; mas, avançando demais, caiu e se afogou miseravelmente na correnteza do rio” (Vecchione, 1887, p. 23).

O desfecho dramático da história, por meio do uso da “pedagogia do exemplo”, tinha a finalidade de permanecer gravado na mente da criança, que, nesse caso, era incentivada a escolher a escola em vez da rua, repleta de tentações e perigos. A criança, portanto, deveria ouvir os bons conselhos dos pais e do professor para ser um bom menino e um bom cidadão, objetivo constantemente indicado nos silabários, como o de Silvestro Bini:

Aquele que quer ser chamado de civilizado respeita os monumentos e não os mancha com lama ou outros materiais, nem mutila qualquer parte deles, assim como respeita tudo o que de útil nos foi legado pelos tempos modernos. Como poderá ser chamado de civilizado e gentil o homem ou a criança que, a cada palavra, injuria Deus e o bom costume! Civilizado é aquele povo que respeita as leis divinas e humanas: aquele povo que as pisa e despreza está abaixo do selvagem, que é desculpado por sua involuntária ignorância (Bini, 1867, p. 28, tradução nossa).

As modestas páginas dos primeiros livretos escolares transmitem uma imagem de infância “adultizada” que as burguesias liberais buscavam incutir nas salas de aula (Becchi; Julia, 1999). O bom menino é representado como aquele que sabe ser obediente aos pais (Vecchione, 1887), que antes de sair de casa para ir à escola cuida de sua higiene pessoal (“arruma os cabelos com o pente, retira a caspa com a escovinha, esfrega e lava o rosto, o

²² As mãos devem ser mantidas limpas. O movimento moderado faz bem. Vou lavar as mãos e o rosto assim que me levantar. A roupa remendada não desonra, ao contrário da roupa manchada. (Tradução nossa).

²³ Como estou feliz por ter ido à escola, dizia outro dia o bom Giulietto à sua querida mãe. Em apenas nove meses aprendi a ler corretamente, a escrever ditado, a conhecer os números, a fazer uma soma e até a falar um pouco sem cometer tantos erros. Não acha, mamãe, que soube aproveitar bem o tempo e tirar proveito de tudo o que meu bom professor me ensinou? Sim, respondeu a mãe, beijando-o com ternura, você foi realmente bom; continue sempre assim, e chegará o dia em que será útil a si mesmo e aos outros. (Tradução nossa).

pescoço e as mãos; limpa bem as unhas; remove a secreção dos olhos e o cerume dos ouvidos”), segue um comportamento adequado ao ir para a escola, em contraste com o modelo do menino travesso, sendo um exemplo para os:

travessos, briguentos e barulhentos”, respeita o professor e mantém uma postura disciplinada na escola “mantém os braços cruzados sobre o peito ou os apoia habilmente na mesa à sua frente. Não conversa, não sussurra, não ri; não desvia os olhos de um lado para o outro, mas os mantém fixos no professor (Vago, 1870, p. 11-12, tradução nossa).

Retomam-se modelos educativos do século XVIII, inspirados no disciplinamento dos comportamentos fundados no silêncio e na obediência, no respeito à autoridade, com constantes referências à estigmatização dos comportamentos espontâneos e ingênuos das crianças. A criança idealizada é aquela que sabe conter suas manifestações de impaciência, que sabe ser moderada até nas brincadeiras, evitando aquelas perigosas com fogo, e que inspira suas atitudes no sentido de piedade e caridade (“É dever ajudar os necessitados. [...] Façam caridade aos pobres. Ajudar os desamparados é dever, assim como trabalhar. Vou dar esmola aos pobres e ajudar os necessitados”). Uma criança que sabe apreciar os benefícios da escola, útil porque é um lugar de aprendizado de “conhecimentos valiosos” através da observação das coisas, além de ser o conhecimento da “infinita potência, sabedoria e bondade de Deus”, e que “nos torna aptos a falar a bela língua italiana, unindo-nos e estreitando-nos com os irmãos de todas as outras partes da nossa Itália” (Vago, 1870, p.17). Os perfis femininos apresentados para imitação também seguem os modelos de bons comportamentos:

Annina é boa, sábia e muito amável. Levanta-se ao amanhecer; faz a limpeza, organiza suas coisas, empenha-se em cumprir bem seu dever e em aprender sua lição. Annina também tem um espírito caridoso: ajuda os pobres e geralmente lhes oferece uma moeda de cobre ou um pedaço de pão. O pai a elogia muito e ela fica feliz por ser sua alegria. A boa Annina merece ser imitada por vocês. (Celli, 1886, p. 31, tradução nossa).

Os silabários produzidos nos primeiros anos após a unificação contêm, em seu léxico e em proposições curtas, muitas referências ao universo religioso católico. É frequente identificar palavras e expressões, muitas vezes associadas a ensinamentos morais, características do catolicismo, como as contidas no *Silabário graduado para uso das escolas elementares* compilado pelo cônego Vago:

Il pa-ra-di-so. Ve-ri-tà, u-ni-tà, Noè, Mo-sè. Sa-rò do-ci-le e co-sì Id-dio mi do-ne-rà il Pa-ra-di-so, e sa-rò fe-li-ce e be-ato. La di-vi-ni-tà è a-do-ra-bi-le, ed io a-do-re-rò Id-dio. Dio be-ne-dì Noè. Id-dio vuo-le da noi a-do-ra-zio-ne, o-no-re e ve-ri-tà. Ub-bi-dia-mo a Dio ed ai su-oi su-pe-ri-ori e sa-re-mo fe-li-ci. La me-mo-ria è do-no di Dio. A-ma-te Dio in ve-ri-tà di pa-ro-le e in pu-ri-tà di o-pe-re. Ub-bi-di-te ai di-vi-ni vo-le-ri²⁴ (Vago, 1870, p. 31-32).

²⁴ O paraíso. Verdade, unidade, Noé, Moisés. Serei dócil e assim Deus me dará o paraíso, e serei feliz e bem-aventurado. A divindade é adorável, e eu adorarei a Deus. Deus abençoou Noé. Deus quer de nós adoração, honra e verdade. Obedecemos a Deus e aos seus superiores e seremos felizes. A memória é um dom de Deus. Amem a Deus em verdade de palavras e em pureza de obras. Obedeçam aos desígnios divinos. (Tradução nossa).

Nas frases exemplificativas, os silabários em uso nesse período contêm temas fixos, como o Sinal da Cruz, a oração dominical, a saudação angelical, o credo, os mandamentos e a oração das crianças antes da escola (Vago, 1870).

Nas décadas seguintes, as referências de caráter religioso não desaparecem completamente, mas tornam-se mais sutis (Serra, 1884). Ganham destaque, em vez disso, referências que remetem mais diretamente à dimensão cívica e urbana dos futuros cidadãos. Assim, por exemplo, a apresentação das consoantes é frequentemente acompanhada por exemplos de nomes de cidades. Não apenas dos principais centros urbanos, mas também de localidades menores, menos utilizadas (Orvieto, Osimo, Ortona, Savona, Sora, Susa, etc.), quase como uma forma de sublinhar o pertencimento nacional comum, reforçado por proposições como “Nós somos italianos e amamos a Itália, que se tornou livre e una, graças ao amor e à união dos bons italianos”.

O apelo à nacionalidade também se observa nos títulos. Diversos silabários, como o impresso em Nápoles por Giuseppe Ricci (1862), de Girolamo Giardini (1886), ou o compilado pelo diretor da escola normal de Campobasso, Pierpaolo Fongoli (1885), com o significativo título *Silabário da criança italiana*, fazem referência explícita à dimensão nacional.

Nos exercícios de leitura corrente, geralmente colocados como seção posterior à apresentação das diferentes formas de silabação, encontramos, em variação de quantidade, referências à identidade nacional, a começar pelas menções às diversas cidades que caracterizam a península (Turim, Veneza, Itália) ou ao aumento das referências às palavras Nação, Savoia, Itália (associada ao exílio). Exemplo disso é a passagem no silabário de Silvestro Bini:

A Itália é uma península da Europa, os povos que nela habitam são chamados de italianos, e a língua que se fala é a italiana; o reino da Itália é constitucional, e seu rei é Vítor Emanuel II. A capital da Itália é Florença; a cidade mais célebre da Itália é Roma; Gênova é o porto mais comercial da Itália. Nápoles é a cidade mais populosa da Itália. A Sicília, a Sardenha e a Córsega são as maiores ilhas da Itália. Os Alpes e o mar são as fronteiras que Deus fez para nossa amada pátria (Bini, 1867, p. 26, tradução nossa).

Os silabários insistem nos aspectos mais emocionais para representar a pátria - antes da nação - representada como uma grande família na qual são reconhecidas as classes profissionais mais imediatamente identificáveis pelas crianças com as de seu pequeno contexto territorial, seja rural ou urbano (o agricultor, o artesão, o comerciante):

Amarei o país onde nasci, que é a minha pátria. Minha pátria é a Itália. O agricultor trabalhador, o comerciante honesto, o artesão diligente a ama. O padre piedoso e o professor diligente a amam; o soldado nacional e o magistrado. Mas, acima de tudo, ama o soldado que enfrenta os inimigos com intrepidez, luta e morre. Aquele que é um bom filho e um estudante diligente, um dia será um cidadão virtuoso, que saberá como amar e servir seu país²⁵ (Tradução Nossa) (Mottura; Parato, 1876, p.28).

²⁵ Io amerò il paese dove sono nato, cioè la mia patria. La mia patria è l'Italia. La ama il laborioso agricoltore, l'onesto commerciante, l'industrioso artigiano. Lo ama il pio sacerdote e l'operoso maestro; il milite nazionale e il magistrato. Ma sovra tutti la ama il soldato che intrepido affronta i nemici, combatte e muore. Chi è buon figliolo e diligente scolaro, sarà un giorno un virtuoso cittadino, che ben saprà amare e servire la sua patria.

Referências

AMBROSINI, Antonio. *Insegnamento della lingua nel primo anno di scuola con speciale relazione all'insegnamento della lettura secondo il metodo delle parole normali*. Firenze: R. Bemporad, 1913, 2 ed.

ASCENZI, Anna. La ricerca sulla manualistica scolastica in Italia: nuovi orientamenti storiografici e prospettive per il futuro. In: MEDA, J., BADANELLI, A.M. (Edd.). *La historia de la cultura escolar en Italia y en Espana: balance y perspectivas*. Macerata: Strumenti della Biblioteca di History of Education & Children's Literature, 2013, p. 119-138.

AZZI, Carlo. *Sillabario pei fanciulli, compilato colla pronuncia da Carlo Azzi e Scipione Benedetti*. Firenze: F. Paggi, 1874, 4 ed.

AZZI, Carlo; BENEDETTI Scipione. *Metodo per insegnare contemporaneamente nomenclatura lettura scrittura e retta pronunzia proposto da Carlo Azzi e Scipione Benedetti insegnanti in Firenze*. Firenze: Tip. Faziola e C, 1869, p. 3.

BACIGALUPI, Marcella –FOSSATI, Piero. *Da plebe a popolo. L'educazione popolare nei libri di scuola dall'Unità d'Italia alla Repubblica*. Scandicci (Firenze): La Nuova Italia Editrice, 1986.

BARAUSSE, Alberto. *La biblioteca dello scolaro italiano*. La questione dei libri di testo e della manualistica scolastica dall'Unità all'avvento del fascismo. In: IDEM (ead.). *Il libro per la scuola dall'Unità al fascismo. La normativa sui libri di testo dalla legge Casati alla riforma Gentile (1861-1922)*. Macerata: Alfabetica, 2008, p. 11-36.

BARAUSSE, Alberto; PANIZZOLO, Claudia; SANI Roberto.; WARDE, Mirian Jorge. Journals for teachers, children and youth as a transnational phenomenon. Directions and experiences of the periodical press in Italy, Brazil, Spain, France and United States between political, social and cultural changes in 19th and 20th Centuries. Apresentação. *History Of Education & Children's Literature*, Macerata, v. XVI, n. 2, 2021, p. 11-15.

BARAUSSE, Alberto. Primary school teachers' associations in Italy from unification to late nineteenth century: origin and development between processes of professionalization and nationalization. *History Of Education & Children's Literature*, Macerata, v. IX, n.1, 2014, pp. 709-754.

BARAUSSE, Alberto. "Nonostante tanto diluvio di libri scolastici". *I libri di testo per le scuole elementari e le indagini ministeriali di Bargoni e Bonghi durante gli anni della Destra Storica (1869-1875)*. Lecce-Rovato: Pensa Multimedia 2018, 2 ed. riv.

BARBIERI, Massimiliano. *Nuovo sillabario figurato ossia nuovo metodo fonico sillabico*: ornato di oltre 200 figure atte a promuovere l'attenzione dei fanciulli ed aiutare l'intelligenza nell'apprendere la lettura con maggior facilità ed in brevissimo tempo. Bologna: Stab. tip. Monti, presso l'autore, 1872.

BERRA, Mariella. *L'etica del lavoro nella cultura italiana dalla unità a Giolitti*. Milano: Franco Angeli, 1981.

BECCHI, Egle; JULIA, Dominique. *Storia dell'infanzia. Dal settecento ad oggi*. Roma-Bari: Laterza, 1999.

BIANCHI, Vincenzo; PANZINI, Roberto. *Sillabario per l'insegnamento contemporaneo del leggere, dello scrivere e della nomenclatura*. Ancona: G. Cherubini, 1874.

BINI, Silvestro. *Sillabario secondo il programma governativo per la sezione inferiore della prima classe elementare per le scuole domenicali, serali e rurali d'Italia, compilato dal professor Silvestro Bini*. Firenze: Libreria scolastica di A. Casale e Comp., 1867.

BORGOGNO, Giuseppe *Primi esercizi graduati di lettura spedita per la prima classe elementare (sezione inferiore) a compimento del sillabario a cura del cav. G. Borgogno*. Torino-Firenze-Milano-Roma: Ditta G.B. Paravia, 1886, 12 ed.

BRUNI, Oreste. *Il primo libro del fanciulletto*. Roma: G.B. Paravia, 3 ed., 1879.

BUCCI, Sante. Associazioni pedagogiche Nazionali. In: *Enciclopedia Pedagogica*, a cura di Mauro LAENG. Brescia: La Scuola, 1989, pp. 1127-1135.

CASTROGIOVANNI, Giovanni. In: *Dizionario Biografico dell'Educazione (1800-2000)*. Milano: Editrice Bibliografica, 2013, p. 301-302.

CASTROGIOVANNI, Giovanni. *Sillabario secondo il programma governativo per la sezione inferiore della prima classe elementare* approvato con decreto ministeriale del 18 aprile 1864. Torino: C. Favale, 4 ed., 1869.

CELLI, Giuseppe. *Per imparare la lettura contemporaneamente alla scrittura secondo il sistema fonico compilato da Giuseppe Celli*. Milano: presso l'autore, 1886.

CHEMELLLO, Adriana. *La biblioteca del buon operaio. Romanzi e precetti per il popolo nell'Italia unita*. Milano: Unicopli, 1991.

CHIOSSO, Giorgio. Nazionalità ed educazione degli italiani nel secondo Ottocento. In: *Pedagogia e Vita*, Milano, v. 48, n.4, 1987, p. 421-440.

CHIOSSO, Giorgio. I giornali scolastici torinesi dopo l'Unità. In: CHIOSSO, G. (ed.). *Scuola e stampa nell'Italia liberale*. Brescia: La Scuola, 1993, pp. 13-15.

CHIOSSO, Giorgio. (ed.). *TESEO. Tipografi ed editori scolastico-educativi dell'Ottocento*. Milano: Editrice Bibliografica, 2003.

CHIOSSO, Giorgio. (Ead). *TESEO '900. Editori scolastico-educativi del primo Novecento*. Milano: Editrice Bibliografica, 2008.

CHIOSSO, Giorgio. *Libri di scuola e mercato editoriale. Dal primo Ottocento alla Riforma Gentile*. Milano: Franco Angeli, 2013.

CONSORTI, Emidio. *Sillabario completo facile e dilettevole per l'insegnamento contemporaneo della lettura e della scrittura compilato dal maestro Emidio Consorti*, Fermo, Tipografia Bacher, 1874.

D'ASCENZO, Mirella. Un manuale per i maestri: le Istruzioni di Maurizio Serra. In: SANI, Roberto; TEDDE Angelino. (edd.). *Maestri e istruzione popolare in Italia tra Otto e Novecento*. Interpretazioni, prospettive di ricerca, esperienze in Sardegna. Milano: Vita e Pensiero, 2003, pp. 287-329.

DAINOTTO, Serena. I libri di testo: autori, editori e tipografi (sec.XVI-XIX). In: COVATO, C.; VENZO, M. I. (Ead.), *Scuola e itinerari formativi dallo Stato Pontificio a Roma capitale. L'istruzione primaria*. Milano: Edizioni Unicopli, 2007, p. 91-119.

DE ROBERTO, Elisa. Scuola o scola? Monolinguismo, poliformia e variazione nei sillabari postunitari. In *La lingua italiana. Storia, strutture, testi*, v.VI, n. 7, 2011, pp. 159-172.

DE VIVO, Francesco. Intorno all'insegnamento del leggere e dello scrivere. In: *Rassegna di Pedagogia*, v. XXIII, 1965, pp. 28-43.

DEL NEGRO, Piero. La retorica degli abbecedari. In: CORTELAZO, Michele. A. (ed.). *Retorica e classi sociali*. Atti del IX Convegno interuniversitario di studi. Padova: Centro Stampa di Palazzo Maldura, 1983, p. 137-145.

DEFODON, Charles. Abecedaire, ecritures, ecriture-lecture. In: *Dictionnaire de pedagogie et d'instruction primaire publiè sous la direction de F. Buisson*. I partie, tome premier, Libraire Hachette et C., Paris, 1882, pp. 2-3, pp. 798-801, pp. 801-803.

DEFODON, Charles. Lecture. In: *Dictionnaire de pedagogie et d'instruction primaire publiè sous la direction de F. Buisson*, I parte, tome second. Paris, Librairie Hachette et C., 1882, pp. 1534-1551.

CHIOSSO, Giorgio; SANI, Roberto (Org.). *Dizionario Biografico dell'Educazione (1800-2000)*. Milano: Editrice Bibliografica, 2013.

FONGOLI, Pier Paolo. *Sillabario del bambino italiano ammaestrato contemporaneamente nei principii di lettura e scrittura*. Torino: G.B. Paravia, 1885.

GALFRÈ, Monica. L'editoria scolastica dell'Italia unita nella storiografia: bibliografia. In: *La Fabbrica del libro: bollettino di storia dell'editoria in Italia*, n. 2, 2001, pp. 43-57.

GARELLI, Vincenzo. *Nuovo abecedario ad uso delle scuole elementari ordinato in modo che la scrittura si accompagni alla lettura*. Torino: Ed. Enrico Moreno, 3 ed., 1869.

GARELLI, Vincenzo. *Sillabario graduato ad uso delle scuole degli adulti*. Genova: Tip. Sordo muti 1869.

GASPARINI, Duilio. *Da Ichelsamer a Comenio*. Il metodo fonico e il primo abecedario illustrato. Roma: Armando, 1984.

GENOVESI, Giovanni. *Leggere e scrivere, che fatica!* Apprendimento della lettura e della scrittura nei primi quaranta anni unitari. In: *La scrittura, Fare scuola*, n. 6, 1987, p. 51-70.

GIARDINI, Girolamo. *Sillabario italiano completo*, Modena, Vincenzi e Nipoti, 1879.

GIORDANO, Gaetano. *Sillabario italiano completo con esemplificazione conveniente, ordinato secondo il programma legislativo*, Roma, Accademia dei Lincei, 1886, 19° edizione.

GONZI, Giovanni. *Sillabario e primo libro di lettura proposto alle scuole elementari d'Italia dall'insegnante primario toscano Giovanni Gonzi*. Siena: Tip. di A. Moschini, 1874.

IN MEMORIA del Prof. Cav. Natale Inverardi. Ispettore delle scuole di Roma. Roma: Tipografia Capitolina, Domenico Battarelli, 1912.

LANZA, Giovanni. *Sillabario e prime letture per le scuole femminili delle campagne*. Torino: G.B. Paravia, 12 ed. 1874.

LANZA, Giovanni. *Sillabario e prime letture per le scuole rurali*. Roma: G.B. Paravia, 32 ed., 1880.

LUCCHI, Piero. La Santacroce, il Salterio e il Babuino. Libri per imparare a leggere nel primo secolo della stampa. In: *Quaderni Storici*, n. 38, 1978, pp. 593-639.

LUCCHI, Piero. La prima istruzione. Idee, metodi, libri. In: BRIZZI, G. (ed.). *Il catechismo e la grammatica. I. Istituzioni e controllo sociale nell'area emiliano romagnola nel Settecento*. Bologna: Il Mulino, p. 25-81.

LOMBARDO RADICE, Giuseppe. *Lezioni di didattica e ricordi di esperienza magistrale*. Firenze: Sandron, 1951, p. 270-271.

MARAZZI, Elisa. *L'editoria scolastico-educativa e la ricerca storica. Il caso italiano*. In: *Società e Storia*, n. 138, 2012, p. 823-851.

METODI per insegnare a leggere. In: *Dizionario illustrato di Pedagogia* diretto da MARTINAZZOLI, Antonio- CREDARO, Luigi, vol. II A-M, p. 667-675 e p. 448-456.

MOTTURA, Cipriano; Parato, Giovanni. *Il piccolo sillabario delle scuole rurali con i primi esercizi di lettura corrente* per C.M. e Giovanni Parato. Roma-Firenze-Torino-Milano: G.B. Paravia, 1876, 10 ed.

MOLOSSI, Lorenzo *Sillabario italiano ad uso delle scuole elementari*. Parma: Tip. Rossi Ubaldi, 1844.

MORANDINI, Maria Cristina *Scuola e nazione. Maestri e istruzione popolare nella costruzione dello Stato unitario (1848-1861)*, Milano, Vita & Pensiero, 2003a, *passim*.

MORANDINI, Maria Cristina. I testi di lingua italiana prima e dopo l'unità. In: CHIOSSO G. (ed.). *TESEO. Tipografi ed editori scolastico-educativi dell'Ottocento*, Milano, Editrice Bibliografica, 2003b, p. LI.

MORANDINI, Maria Cristina. Metodi e pratiche d'insegnamento della lettura e della scrittura in Italia tra Otto e Novecento. In: Ascenzi, Anna e SANI, Roberto, (a cura di), *L'innovazione pedagogica e didattica nel sistema formativo italiano dall'unità al secondo dopoguerra*. Roma: Studium, 2022.

MORGANA, Silvia. Modelli di italiano nei testi di lettura scolastici e per l'infanzia. Dall'età delle Riforme alla Restaurazione. In: MORGANA, S. *Capitoli di storia linguistica italiana*. Milano: Led, 1995, pp. 271-302.

MORANDINI, Maria Cristina. *Punti e virgole, pesi e misure. Libri, maestri e scolari tra Otto e Novecento*. Macerata: EUM, 2011.

NUOVO sillabario graduato ad uso delle Scuole Elementari del Regno d'Italia, Como, Tip. Martinelli.

MOTTURA, CIPRIANO. In: *Dizionario Biografico dell'Educazione (1800-2000)*. Milano: Editrice Bibliografica, 2013, p. 214.

MOTTURA, Cipriano; PARATO, Giovanni. *Il piccolo sillabario delle scuole rurali con i primi esercizi di lettura corrente*. Roma, Firenze, Torino, Milano: G.B. Paravia e Comp., 1876, 10 ed.

VI CONGRESSO PEDAGOGICO in Torino. *Esposizione didattica. Sala X. Catalogo speciale delle opere d'istruzione e di educazione di espositori privati*. Torino, G.B. Paravia, 1869, p. 4.

PANCERA, Carlo. L'importanza dei testi scolastici di Francesco Soave. In: Bellatalla, L. *Maestri, Didattica e dirigenza nell'Italia dell'Ottocento*. Ferrara: Tecnomproject, 2000, p. 43-53.

PARATO, Giovanni. In: *Dizionario Biografico dell'Educazione (1800-2000)*. Milano: Editrice Bibliografica, 2013.

PARATO, Giovanni. *Il piccolo sillabario delle scuole rurali con i primi esercizi di lettura corrente per C.M. e Giovanni Parato*. Roma, Firenze, Torino, Milano: G.B. Paravia e Comp., 1876, 10 ed.

POZZI, Carlo. *Sillabario ossia esercizi graduati e simultanei di lettura, scrittura e calcolo mentale con oppositi modelli litografici: per gli allievi e per le allieve della prima elementare inferiore urbana e rurale nel primo semestre scolastico*. Torino: Pozzi Carlo, 1874.

POZZI, Carlo. *Sillabario per gli allievi e per le allieve della prima elementare inferiore urbana e rurale nel primo semestre scolastico*. Torino: Tarizzo, 1875.

POZZI, Carlo. *Primo libro di lettura e nomenclatura a compimento del sillabario per la prima classe elementare compilato da Giuseppe Can.co Vago*. Morano: Napoli, 4 ed., 1870.

RACCUGLIA, Salvatore. *L'insegnamento della lettura. Storia critica dei metodi usati per insegnare a leggere*. Palermo: Sandron, 1893.

RELAZIONE della Commissione Centrale a S.E. il Ministro della Pubblica. In: *Bollettino Ufficiale del Ministero dell'Istruzione Pubblica*, v. II, n. 35, 1895, p. 1428-1460.

RELAZIONE della Commissione Centrale per i libri di testo a S.E. il Ministro della Pubblica Istruzione. In: *Bollettino Ufficiale del Ministero dell'Istruzione Pubblica*, v. II, n. 38, 1897, p. 1458 – 1509.

RICCI, Giuseppantonio. *Nuovo sillabario italiano per adulti e fanciulli*. Napoli: Stamperia Nazionale presso G. Nembro, 1862.

RIFORMA DEI PROGRAMMI per le scuole elementari emanati con R.D. 5 settembre 1888, n. 5724. In: *Bollettino Ufficiale del Ministero dell'Istruzione Pubblica*, v. , n. 1888, pp. 492-512.

RIFORMA DEI PROGRAMMI per le scuole elementari emanati con R.D. 29 novembre 1894, n. 525. In: *Bollettino Ufficiale del Ministero dell'Istruzione Pubblica*, v. XXI, vol. II, n.49, 1894, p. 1888-1916.

ROGGERO, Marina. *L'alfabeto conquistato. Apprendere e insegnare nell'Italia tra Sette e Ottocento*. Bologna: Il Mulino, 2000.

ROSSINI, Giovanni Battista. *La prima scuola, ossia nuovo Abbecedario*. Brescia: Tipografia Apollonio, 1868.

RUMOR, Sebastiano. *Gli scrittori vicentini dei secoli decimottavo e decimonono*. Venezia: Tipografia Emiliana, 1904, vol. I, A-F, *ad vocem*.

SANI, Roberto. Refining the masses to build the Nation. National schooling and education in the first four decades post-unification. *History Of Education & Children's Literature*. Macerata, v. VII, n. 2, 2012, p. 79-96.

SCAVIA, Giovanni. *Piccolo sillabario con figure*. S.l.;s.a.

SCAVIA, Giovanni. In: *Dizionario Biografico dell'Educazione (1800-2000)*. Milano: Editrice Bibliografica, 2013, p. 486-487.

SCAVIA, Giovanni. *Sillabario per le scuole degli adulti*. Torino: Tommaso Vaccarino.s/a.

SCAVIA, Giovanni *Sillabario per i bambini della 1a classe elementare sezione inferiore*. Torino: Grato Scioldo, 1861.

SCAVIA, Giovanni *Piccolo Sillabario con figure ad uso degli asili infantili, della 1° classe elementare inferiore e delle scuole rurali maschili e femminili*, Grato Scioldo ,1876.

SCAVIA, Giovanni. *Prime letture a compimento del sillabario per la prima classe elementare: sezione inferiore*, Grato Scioldo, Torino, 1883 [la edizione consultata].

SERRA, Baldassarre. *Sillabario per i bambini delle sezioni inferiori urbane e rurali*, Persiceto, Tip. Guerzoni, 1884, p. 8.

SILLABARIO. In: *Dizionario illustrato di Pedagogia*, diretto da MARTINAZZOLI Antonio e CREDARO, Luigi, vol. III N-Z. Milano: Vallardi, 1910, pp. 525-527 e 527-530.

SILLABARIO per i bambini della prima classe elementare: sezione inferiore, Torino, Vaccarino, 1867.

SILLABARIO e prime letture per le scuole rurali, 9 ed., Fratelli Bocca, tipografia di G.B. Paravia, Torino 1869.

SILLABARIO e prime letture per le scuole femminili delle campagne, 9 ed., Torino, G.B. Paravia, 1869.

LAVEZZARI, P. *Sillabario del maestro P. Lavezzari*, ditta Claudio Wilmont, Milano, 1867.

MARTIRI, Nicola. *Sillabario graduato, per Nicola Martiri*, Napoli, Stabilimento Tipografico dell'Unione, 1875.

SIRI, Emilia. *Sillabario per le scuole elementari. Metodo per insegnare a leggere ossia il sillabario*, Firenze, Paggi, 1871 [consultata ed. 1862].

STOCCHI, Luigi. In: *Dizionario Biografico dell'Educazione (1800-2000)*. Milano: Editrice Bibliografica, 2013, p. 546-547.

SUL LIBRO del sig. Inverardi per insegnare a leggere e scrivere. Poche parole di Augusto Mauro. Roma: Tipografia milanese, 1876.

TABACCHI, Elena. "Secondo i naturali confini della libertà degli insegnanti". Forme di censura e controllo nell'esperienza della seconda Commissione centrale per l'esame dei libri di testo. In: *History of Education & Children's Literature*, v. VIII, n. 2, 2013, p. 239-258.

THOUAR, Pietro. *Sillabario graduale per avviamento alle letture graduali di Pietro Thouar*. Firenze: Felice Paggi, 1877, 6 ed.

TROYA, VINCENZO. In: *Dizionario Biografico dell'Educazione (1800-2000)*. Milano: Editrice Bibliografica, 2013, p. 603-504.

TROYA, VINCENZO. *Nuovo sillabario graduato di Vincenzo Troya per la sezione inferiore della prima classe elementare*, senza anno e casa editrice.

TROYA, VINCENZO. *Il nuovo Sillabario graduato di Vincenzo Troya*, edizione 29°, parte 1°, Stamperia Sordo-Muti Genova, 1869.

TROYA, VINCENZO. *Sillabario proposto dal Cav. E Professor Vincenzo Troya alle scuole serali e festive per ammaestramento degli adulti analfabeti*. Torino: G.B. Paravia, 1873.

TROYA, VINCENZO. *Compimento del sillabario e primi esercizi graduati di lettura corrente per la sezione inferiore della prima classe elementare maschile e femminile*. Genova: Tip. Sordomuti, 1872, 34 ed. [consultata ed. del 1861].

UN INSEGNANTE in burrasca Ricordi, Note e Saccheggi d'uno dei mille per uso di Zeusi Goppelli. Venezia: di Lorenzo Tondelli Editore, 1885, p. 253-264.

VAGO, Giuseppe. *Primo libro di lettura e nomenclatura a compimento del sillabario*. Napoli: Morano, 1870, 4 ed., p.9.

VAGO, Giuseppe. *Sillabario graduato ad uso delle scuole elementari compilato dal can. Vago*, Napoli, Morano, 1870, 5 ed. p. 24.

VECCHIONE, Enrico. *Il Compimento del sillabario*. Nola, presso l'Autore, 1887.

VERGANI, Viscardo. MEACCI Maria Letizia (edd). *1800-1945. Rilettura storica dei libri di testo della scuola elementare*. Pisa: Pacini, 1984.

VIOLA, Marianna. I libri di testo e la Pubblica Istruzione dal 1806 al 1825 nel Regno di Napoli. In: *Atti dell'Accademia di Scienze morali e politiche*, v. CIX, 1998, Napoli: Gianni Editore, 1999, pp. 87-106.

ZOI, Alfio. Lettura e scrittura. Metodi per l'insegnamento della. In: LAENG, Mauro (ed.). *Enciclopedia pedagogica*. Brescia: La Scuola, 1990, vol. IV, p. 6742-6776.

Documentos

ARCHIVIO STORICO CAPITOLINO, Ripartizione VI-Posizioni matricolari degli insegnanti (1871-1934), b. 26, fasc. 344, *Inverardi Natale*.

ARCHIVIO CENTRALE DELLO STATO [da ora in poi ACS], Ministero Pubblica Istruzione [da ora in poi MPI], Fondo [da ora in poi F.] CSPI, I Serie 1849-1903, Atti posteriormente versati, b. 3, f.3 *Elenchi dei libri di testo scuole elementari inviati in risposta alla circolare n. 250 del 1869*.

ACS, MPI, F. CSPI, I Serie 1849-1903, *Atti posteriormente versati*, b. 5, f. 6.

ACS, MPI, F. Personale 1860-1880, b. 2033, *Stocchi Luigi*.